



**Universidade do Algarve – Escola Superior de Educação e
Comunicação**

**O DESENVOLVIMENTO DA CONSCIÊNCIA FONOLÓGICA
EM CRIANÇAS DE 3 E 4 ANOS: A UTILIZAÇÃO DE UM
INSTRUMENTO DIDÁTICO**

Beatriz da Silva Cavaco

Relatório de Prática de Ensino Supervisionada em Educação Pré-Escolar para
obtenção do grau de Mestre em Educação Pré-Escolar

Trabalho efetuado sob orientação de
Professora Doutora Maria Helena Martins da Cruz Horta

2015



**O Desenvolvimento da Consciência Fonológica em crianças de 3 e
4 anos: a utilização de um instrumento didático**

Júri:

Professora Doutora Ana Cristina Hurtado de Matos Coelho

Professora Doutora Maria Helena Martins da Cruz Horta

Professora Doutora Catherine Marie Simonot

**Este trabalho contém as correções solicitadas pelos elementos do
júri.**

Declaração de autoria do trabalho

Declaro ser a autora deste trabalho, que é original e inédito. Autores e trabalhos consultados estão devidamente citados no texto e constam da listagem de referências incluída.

Copyright – Beatriz da Silva Cavaco Universidade do Algarve – Escola Superior de Educação e Comunicação

A Universidade do Algarve tem o direito, perpétuo e sem limites geográficos, de arquivar e publicar este trabalho através de exemplares impressos reproduzidos em papel ou de forma digital, ou por qualquer outro meio conhecido ou que venha a ser inventado, de divulgar através de repositórios científicos e de admitir a sua cópia e distribuição com objetivos educacionais ou de investigação, não comerciais, desde que seja dado crédito ao autor e editor respetivos.

Ao meu sobrinho, Manuel Nascimento.

Agradecimentos

À minha orientadora e docente da unidade curricular de Prática de Ensino Supervisionada (PES), Professora Doutora Maria Helena Horta, por todo o apoio, toda a ajuda, toda a força e toda a disponibilidade prestadas.

À direção da Escola Superior de Educação e Comunicação da Universidade do Algarve, por me ter dado a oportunidade de frequentar o Mestrado em Educação Pré-Escolar.

À educadora cooperante, por me ter recebido e por me ter disponibilizado o grupo quando precisei dele, mesmo já não estando em contexto de PES.

À auxiliar de educação, por toda a ajuda e disponibilidade que prestou.

Ao grupo de crianças, que ficavam contentes sempre que me viam e realizaram tudo o que pedi sem que fosse preciso insistir muito. Pelos sorrisos que me proporcionaram, pela companhia, pela experiência e principalmente por todo o amor que transmitem.

À minha amiga e parceira de PES, Ana Rita Correia, pela sua amizade, a sua paciência e a sua ajuda durante todo este processo e durante todos estes anos de amizade. Obrigada pelo seu apoio e pela sua presença, sem ela não sei se teria chegado até aqui.

Às minhas colegas que se encontravam na mesma Instituição que eu, um grande obrigada pelos momentos de descontração durante as horas de almoço.

À minha amiga e colega de curso e de mestrado, Cristina Abreu, por ser aquela pessoa que nos faz rir sempre que nos apetece chorar e pela sua paciência para nós.

Às minhas colegas e amigas do Mestrado em Educação Pré-Escolar, por todas as partilhas que fizeram ao longo do ano.

Às minhas amigas, Susana Silva e Andreia Coelho, pela compreensão pelos momentos de ausência durante este percurso. Pela sua amizade e pelo seu apoio durante todo este tempo. Por todas as gargalhadas e todos os momentos de confissão.

À família Morgado e à família Sousa, por toda a ajuda e apoio que me deram e por me fazerem sentir em casa mesmo não estando. Um especial agradecimento à D. Zélia, à Ketty e à Mirian, por todas as horas dispensadas para me ajudar a construir materiais para a minha prática, por todos os telefonemas a perguntar como tinha corrido o dia.

Aos meus pais, por tudo o que fizeram pela minha vida, pela educação que me deram, pois sem eles não seria a mesma pessoa que sou eu hoje. Pela dedicação que sempre me prestaram, por todo o apoio, por todas as horas que me tiveram que ouvir a falar de coisas que não percebem. Por saberem aconselhar, por saberem ser plausíveis, por mesmo quando estão cansados me ajudarem em tudo o que for preciso.

À minha irmã, pelos telefonemas a perguntar como tinha corrido o dia, pois sabia que estava nervosa por alguma razão. Por todo o apoio, por todas as ideias, por toda a ajuda, por ser simplesmente minha irmã e por ser acima de tudo minha amiga e minha ouvinte. Sem ela também não seria a mesma pessoa que sou hoje, obrigada por me ter ensinado a ser uma pessoa com pés e cabeça e me fazer ver o mundo com outros olhos.

Ao Manuel, meu sobrinho, que por mais pequenino que seja e ainda não falar, me ajudar a ultrapassar os dias mais difíceis. Uma simples fotografia ou um simples vídeo tornaram o meu dia melhor e puseram-me sempre um sorriso na cara.

Aos meus avós maternos, que por muitos problemas que possam ter se lembram sempre de perguntar por mim. Obrigada pelo apoio e obrigada pela ansiedade de me verem cada vez que chego a casa.

Ao meu namorado, Kevin Sousa, por todo o apoio incondicional, por todo o amor que tem por mim, por toda a paciência para me aturar e me ouvir. Pela sinceridade nas coisas que diz e pelos seus atos. Por ser quem é e por nunca desistir de mim e pela força que me dá. Todo o apoio por ele prestado foi crucial para esta etapa, se não o tivesse ao meu lado não sei o que teria sido de mim. Por ser meu confidente, por ser mais que um namorado, por ser o meu melhor amigo, por ser a pessoa com quem posso sempre contar.

A todos os que me apoiaram um muito obrigada do fundo do meu coração.

Resumo

O Relatório de investigação de Prática de Ensino Supervisionada (PES) intitula-se «O desenvolvimento da consciência fonológica em crianças de 3 e 4 anos: a utilização de um instrumento didático» e foi realizado no âmbito da unidade curricular de PES, no ano letivo de 2014/2015. A investigação foi realizada num jardim de infância privado, em Faro, em que nos foi perceptível a necessidade que as crianças tinham de ser estimuladas ao nível da consciência fonológica.

A consciência fonológica é a capacidade de conseguirmos identificar, gerar e manipular as unidades do oral. As crianças têm a capacidade de isolar a palavra e têm a capacidade de identificar as suas unidades fonológicas, ou seja, é a «expressão da sua consciência fonológica» (Freitas, Alves e Costa, 2007, p. 9).

Face à realidade por nós analisada, colocaram-se-nos as seguintes questões de pesquisa: «Qual o nível de consciência fonológica das crianças em estudo, testado através da aplicação de subtestes (adaptados de Sim-Sim, 2006)?» e «Será que através da utilização de um instrumento didático específico poderemos contribuir para o desenvolvimento da consciência fonológica das crianças de 3 e 4 anos?». A partir das questões de pesquisa definimos como objetivos do estudo: avaliar o desenvolvimento da consciência fonológica em crianças de 3 e 4 anos com base em subtestes adaptados à população portuguesa (Sim-Sim, 2006) e, após a sua avaliação, estimular o desenvolvimento da consciência fonológica através de um instrumento didático construído para o efeito. Este estudo assume um carácter descritivo e experimental, em que se privilegia uma metodologia quantitativa pela pontuação atribuída às respostas verbais das crianças.

Os principais resultados obtidos evidenciam que todas as crianças evoluíram nos resultados desde a 1^a à 3.^a aplicação do subteste de definição verbal.

Através da utilização do instrumento didático, podemos concluir que as crianças melhoraram a sua pontuação relativa ao desenvolvimento da consciência fonológica.

Palavras-chave: Consciência fonológica, crianças em idade pré-escolar, instrumento didático, educação pré-escolar.

Abstract

This investigative report on The Practice of Supervised Teaching (PST), is called «The Development of the Phonologic Awareness of children of 3 to 4 years old: the use of a teaching tool», and it was carried out in the scope of the PST curricular unit, in the school calendar year of 2014/2015. The investigation was carried out in a private pre-school in Faro, in which it was apparent that the children needed to be stimulated at a phonologic awareness level.

Phonologic awareness is the capacity to identify and generate the spoken response. The children have the capacity to isolate a word and have the capacity to identify them in their phonologic awareness units, or, it is «the expression of their phonologic awareness» (Freitas, Alves, and Costa 2007 p.9)

In light of the reality analysed by us, we were confronted with the following questions to investigate: «What level of phonological awareness of children in the study, tested by applying subtests (adapted from Sim-Sim, 2006)?» and «Could it be that with the use of a specific teaching tool we can contribute to the development of phonologic awareness of children of 3 to 4 years old?». From that question we defined the objectives of the study: evaluate the development of the phonologic awareness in children of 3 to 4 years old based on subtests adapted to the Portuguese population (Sim-Sim, 2006) and, after this evaluation, stimulate the development of phonologic awareness by the use of a teaching tool specially devised for the purpose. This study assumes an experimental and descriptive character, in which a quantitative method of attributing points to the responses given by the children was privileged.

The principal results obtained highlighted the fact that all the children advanced from the first to the third application of the subtest of the verbal identification.

Through the use of the teaching tool, we can conclude that the children evolved in their phonologic awareness conscience.

Keywords: phonologic awareness; children in pre-school age; teaching tool; pre-school education.

Índice Geral

Agradecimentos.....	iv
Resumo.....	vi
Abstract.....	vii
Índice de Figuras.....	ix
Índice de Gráficos.....	x
Índice de Apêndices e Anexos – CD-ROM.....	x
Introdução.....	11
Capítulo I – Enquadramento teórico-conceitual.....	13
1.1. A consciência fonológica.....	13
1.2. O papel do educador.....	17
1.3. Subtestes.....	19
Capítulo II – <i>Design</i> de Investigação e Intervenção Pedagógica.....	24
2.1. Natureza do estudo.....	24
2.2. Questões do estudo.....	25
2.3. Objetivos do estudo.....	25
2.4. Participantes no estudo.....	26
2.5. Realização dos subtestes, construção e utilização do instrumento.....	27
2.6. Construção do instrumento didático.....	27
2.7. Utilização do instrumento didático.....	31
2.7.1. 1ª aplicação dos subtestes.....	32
2.7.2. 1ª fase da atividade.....	32
2.7.3. 2ª aplicação dos subtestes.....	36
2.7.4. 2ª fase da atividade.....	36
2.7.5. 3ª aplicação dos subtestes.....	37
Capítulo III - Apresentação e análise interpretativa dos resultados.....	38
3.1. Resultados da 1ª aplicação do subteste de definição verbal.....	39
3.2. Resultados da 1ª aplicação do subteste de nomeação.....	40
3.3. Resultados da primeira fase da utilização do instrumento.....	41
3.4. Resultados da 2ª aplicação do subteste de definição verbal.....	43
3.5. Resultados da 2ª aplicação do subteste de nomeação.....	44
3.6. Resultados da segunda fase da utilização do instrumento.....	45
3.7. Resultados da 3ª aplicação do subteste de definição verbal.....	49

3.8. Resultados da 3ª aplicação do subteste de nomeação	50
3.9. Comparação dos resultados dos subtestes de definição verbal.....	51
3.10. Comparação dos resultados dos subtestes de nomeação.....	53
3.11. Análise global	55
Conclusões	59
Limitações e sugestões para um trabalho futuro	60
Contributos do estudo em termos pessoais e profissionais.....	60
Referências Bibliográficas	61
Apêndices e Anexos em CD-ROM	63

Índice de Figuras

Figura II.1– Livro <i>Elmer e o Arco-íris</i> , de David Mckee.....	27
Figura II.2– Imagens do livro com as palavras correspondentes.	28
Figura II.3 – Envelopes para guardar palavras/quadrados de feltro e imagens.....	29
Figura II.4 - Quadrados de feltro com palavras correspondentes.....	29
Figura II.5 – <i>Elmer</i> e arco-íris feitos em feltro.....	30
Figura II.6 – Exemplo: resultados da criança B.	33
Figura II.7 – Exemplo: resultados da criança G.....	33
Figura II.8 – Comparação da palavra «girafa» com a sua respetiva imagem.	34
Figura II.9 – Arco-íris feito em feltro para auxiliar as crianças no seguimento das cores.....	35
Figura II.10– Resultados de uma das crianças a título de exemplo.	35

Índice de Tabelas

Tabela I.1 – Etapas do desenvolvimento da linguagem das crianças.....	15
Tabela I.2 – Subteste de definição verbal.....	22
Tabela I.3 – Subteste de nomeação.....	23
Tabela II.1 – Designação das crianças e respectivas idades.....	26
Tabela III.1 – Respostas erradas por parte das crianças.....	47
Tabela III.2 – Evolução em percentagem por parte das crianças nos subtestes de definição verbal.....	52
Tabela III.3 - Evolução em percentagem por parte das crianças nos subtestes de nomeação.....	54

Índice de Gráficos

Gráfico III. 1 – Resultados da 1ª aplicação do subteste de definição verbal.....	39
Gráfico III.2 – Resultados da 1ª aplicação do subteste de nomeação.	40
Gráfico III.3 – Comparação dos resultados da 1ª e da 2ª aplicação do subteste de definição verbal.....	43
Gráfico III.4 – Comparação dos resultados da 1ª e da 2ª aplicação do subteste de nomeação.....	44
Gráfico III.5 – Número de respostas certas e respostas erradas da utilização da 2ª fase da atividade em relação a cada palavra.	46
Gráfico III.7 – Comparação dos resultados da 2ª e da 3ª aplicação do subteste de definição verbal.....	49
Gráfico III.8 – Comparação dos resultados da 2ª e da 3ª aplicação do subteste de nomeação.....	50
Gráfico III.9 – Comparação dos resultados dos subtestes de definição verbal.....	51
Gráfico III.10 - Comparação dos resultados dos subtestes de nomeação.	54

Índice de Apêndices e Anexos – CD-ROM

Introdução

Durante o Mestrado em Educação Pré-Escolar temos várias unidades curriculares e *Desenvolvimento da Oralidade e Abordagem à Escrita* é uma delas. Nunca fui muito dada a temáticas relacionadas com a língua portuguesa, sempre fui mais ligada a temáticas relacionadas com a matemática, porém esta unidade curricular cativou-me e fez-me escolher o tema para aquele que viria a ser o meu Relatório de PES.

Este Relatório visou o estudo do desenvolvimento fonológico em crianças de 3 e 4 anos, com o auxílio de um instrumento didático construído originalmente para o efeito.

Esta temática revela-se de suma importância para percebermos a verdadeira relevância de desenvolver e estimular a consciência fonológica em crianças em idade pré-escolar, pois se a consciência fonológica não for devidamente desenvolvida, as crianças irão chegar ao 1º Ciclo do Ensino Básico com muito menos capacidades do que as crianças que tiveram uns bons estímulos na educação pré-escolar a este nível.

Para nós é muito importante confirmar o valor que os estímulos têm para a vida futura das crianças, não só em termos de consciência fonológica, mas em todas as áreas. Além disso, como as crianças iniciaram o ano letivo ainda com 3 anos, esta idade revela-se como uma fase crucial para que a consciência fonológica comece a ser estimulada. Segundo Sim-Sim (1998) é entre os 3 e os 4 anos que as crianças começam a apresentar sensibilidade às regras de fonologia da sua língua materna e que reconhecem as primeiras aliterações e rimas.

Com este estudo é pretendido que os educadores de infância, outros profissionais de educação e ensino, ou até mesmo pais e encarregados de educação percebam o quão importante se afigura o desenvolvimento das capacidades fonológicas das crianças. Apesar de não ser esse o seu objetivo primordial, com este estudo poderemos transmitir a ideia de formas fáceis e acessíveis de estimular a consciência fonológica nas crianças em idade pré-escolar.

Pretendemos dar resposta às questões:

- Qual o nível de consciência fonológica das crianças em estudo, testado através da aplicação de subtestes (adaptados de Sim-Sim, 2006)?

- Será que através da implementação de um instrumento didático específico poderemos contribuir para o desenvolvimento da consciência fonológica nas crianças de 3 e 4 anos?

Como forma de resposta às questões de investigação definimos três objetivos:

- Conhecer o nível de consciência fonológica das crianças com base em subtestes (adaptados de Sim-Sim, 2006);
- Estimular o desenvolvimento da consciência fonológica através da utilização de um instrumento didático;
- Avaliar o desenvolvimento da consciência fonológica das crianças após a utilização de um instrumento didático específico.

Todo o estudo teve por base os objetivos que delineámos, pois sem eles não teríamos um caminho por onde seguir.

Este estudo assume-se como de natureza descritiva e experimental, em que é favorecida uma metodologia quantitativa.

O estudo foi realizado numa instituição de cariz privado, cujo nível socioeconómico das crianças era maioritariamente médio-alto, contexto em que decorreu a nossa PES. Para que este estudo fosse concretizado, o acompanhamento por parte da orientadora cooperante (educadora) e da auxiliar de educação foram cruciais, pois disponibilizaram o seu tempo com todo o grupo para que se pudesse “retirar” uma criança de cada vez da sala de atividades. As crianças só eram chamadas para realizar os subtestes ou as atividades se não estivessem ocupadas com as atividades que a orientadora cooperante propunha, ou seja, só saíam da sala de atividades antes ou após o término das propostas apresentadas.

Como forma de contextualizar cientificamente o estudo foram realizadas diversas pesquisas na área, o que deu origem ao enquadramento teórico-conceitual, correspondente ao Capítulo I. Neste referimo-nos à consciência fonológica, aos subtestes (Sim-Sim, 2006) que foram realizados e ao instrumento didático, em que explicamos a sua construção e objetivos.

No Capítulo II apresentamos o *Design* de Investigação e Intervenção Pedagógica, onde são apresentados a natureza do estudo, as questões de investigação, os objetivos, os participantes, a realização dos subtestes e, por fim, a construção e a implementação do instrumento.

Depois de conhecido o estudo e explicitado o que é pretendido, no Capítulo III surge a apresentação e análise interpretativa dos resultados, onde são mostrados e analisados os resultados de todos os subtestes realizados e, finalmente, apresentamos uma análise global aos resultados obtidos. Por fim, apresentamos as conclusões e as referências bibliográficas utilizadas ao longo do trabalho.

Capítulo I – Enquadramento teórico-conceitual

1.1. A consciência fonológica

A consciência fonológica é a capacidade de conseguirmos identificar, gerar e manipular as unidades do oral. As crianças têm a capacidade de isolar a palavra bem como de identificar as suas unidades fonológicas, ou seja, trata-se da «expressão da sua consciência fonológica» (Freitas, Alves e Costa, 2007, p. 9), que é subdividida em quatro tipos: a consciência da palavra (ao isolar as palavras na frase); a consciência silábica (ao separar as sílabas); a consciência intrassilábica (ao separar as unidades que se encontram dentro da sílaba); e a consciência fonémica ou segmental (ao separar os sons da fala – as letras/fonemas) (Freitas, Alves e Costa, 2007).

Segundo Horta (2007) a consciência silábica é a fase da consciência fonológica em que as crianças em idade pré-escolar se encontram. Segundo Santos (2011) esta fase consiste em que as crianças percebam que as palavras podem ser divididas em sílabas, que são unidades da palavra (exemplo: tra-tar). É esta fase que deve ser inicialmente explorada em contexto pré-escolar, pois as crianças detêm-na naturalmente, isolando as sílabas das palavras nesta fase (Freitas, Alves e Costa, 2007), mesmo que divididas por sílabas incorretamente.

A consciência intrassilábica é a fase em que as crianças conseguem isolar unidades dentro da sílaba (Freitas, Alves e Costa, 2007). Como o refere Santos (2011) isso acontece quando as crianças têm a noção de que a sílaba é composta por grupos de sons. A consciência intrassilábica é «a capacidade de identificar e manipular as unidades ou constituintes que formam a sílaba, internamente» (Santos, 2015, p.5) (exemplo: tr.a-t.ar).

A consciência fonémica ou segmental é a fase em que as crianças isolam sons da fala (Freitas, Alves e Costa, 2007). Segundo Coutinho, Vale e Bertelli (2003), a consciência fonémica é a capacidade que a criança tem para isolar e manipular os fonemas (sons da fala) em sílabas e palavras faladas (exemplo: t.r.a.t.a.r).

Para que as crianças aprendam a ler e a escrever é necessário que desenvolvam noções sobre o código escrito enquanto sistema representativo de unidades da linguagem oral. Neste sentido, a consciência fonológica revela-se essencial para o desenvolvimento de competências de literacia. Sim-Sim, Silva e Nunes (2008, p.53) explicam que «as crianças que são melhores em tarefas silábicas e fonémicas apresentam mais facilidade na aprendizagem da leitura e esta

relação mantém-se quando a variabilidade inerente ao nível intelectual, vocabulário, memória, ou nível social é estatisticamente controlada».

É necessário que exista um bom desenvolvimento, por parte das crianças em idade pré-escolar, da oralidade, para que possam, posteriormente, apreender o processo da linguagem escrita.

Horta (2010) refere que assim como o desenvolvimento da linguagem oral vai influenciar a linguagem escrita, o desenvolvimento da linguagem escrita vai influenciar a linguagem oral, pois à medida que as crianças vão crescendo, a sua linguagem oral vai-se tornar cada vez melhor e mais variada, graças às aprendizagens que vão adquirindo ao longo da vida e à linguagem escrita. Assim, a consciência fonológica tem um papel essencial na aprendizagem futura da leitura e da escrita.

Para que as crianças alcancem o patamar do desenvolvimento da consciência fonológica passam por diferentes fases, que se iniciam ainda no útero materno. É ainda no útero que as crianças começam a ouvir os primeiros sons, logo a sua perceção auditiva vai possibilitar o processo de discriminação da fala (Sim-Sim, 1998).

Os primeiros sons das crianças são utilizados como forma de apelar à chamada de atenção do adulto para alguma necessidade sua. A linguagem das crianças é privilegiada graças ao canal auditivo, pois se as crianças não ouvirem também não falam. Assim, a perceção auditiva, que é adquirida a partir de muito cedo, ocorre ainda no útero (Lima e Bessa, 2007).

A tabela 1 apresenta as etapas do desenvolvimento da linguagem das crianças consoante a sua idade:

Idade das crianças	Etapas do Desenvolvimento da Linguagem das crianças
Recém-nascido	O bebê é capaz de perceber a fala, chorar e dar alguma resposta ao som
1,5 aos 3 meses	Murmura e ri
3 meses	Brinca com os sons da fala
5 aos 6 meses	Produz sons de consoantes, tentando imitar o que ouve
6 aos 10 meses	Balbucia sequências de consoantes e vogais
9 meses	Utiliza gestos para se comunicar e brinca com os mesmos
9 aos 10 meses	Começa a compreender palavras (geralmente “não” e seu próprio nome); imita os sons; perde habilidade de discriminar sons que não os da própria língua
9 aos 12 meses	Utiliza alguns gestos sociais
10 aos 14 meses	Diz a primeira palavra (geralmente um rótulo para alguma coisa – “papá”, “mamã”); imita os sons
10 aos 18 meses	Diz palavras isoladas
13 meses	Compreende a função simbólica de denominação; usa gestos mais elaborados
14 meses	Utiliza gestos simbólicos
16 aos 24 meses	Aprende muitas palavras novas, expandindo o seu vocabulário rapidamente (de cerca de 50 palavras para até cerca de 400); utiliza verbos e adjetivos; diz a sua primeira frase (cerca de duas palavras)
20 meses	Utiliza menos gestos; começa a nomear mais coisas
24 meses	Utiliza muitas frases de duas palavras; já não balbucia; conversa.
30 meses	Aprende novas palavras quase todos os dias; forma frases de três ou mais palavras; compreende bem os outros; comete vários erros gramaticais
36 meses	Diz cerca de 1000 palavras, 80% das quais claras; comete erros de sintaxe

Fonte: Papalia & Olds (2000)

Tabela I.1- Etapas do desenvolvimento da linguagem das crianças.

Segundo Suehiro (citado por Ferraz, 2011), existem três aptidões em que a consciência fonológica pode ser dividida:

- Rima e aliteração, ou seja, a repetição da mesma sílaba ou fonema no início da palavra;
- Sílaba, ou seja, a consciência silábica;
- Fonema, ou seja, a consciência fonémica.

Segundo Chard e Dickson (1999), as crianças começam a evidenciar o início da sua consciência fonológica quando começam a demonstrar interesse nas rimas. Para algumas crianças esta fase inicia-se bastante cedo durante o desenvolvimento da fala e pode ser facilitado com a leitura de livros que tenham rimas. Rombert (2013) explica que quando a criança passa os três anos de idade, dá início ao acesso à consciência fonológica, pois começa a inventar palavras conscientemente.

É importante saber se as crianças se encontram nas etapas que devem estar, por isso, em idades dos 36 aos 48 meses (dos três aos quatro anos de idade), as crianças devem responder a perguntas como “Quem?; “Onde?”; “O quê?”, devem ter noção de posição (em baixo e em cima, por exemplo) e devem conhecer as cores principais e algumas formas geométricas, para a etapa de desenvolvimento da linguagem selecionadas na área da compreensão auditiva.

Na área da produção oral, as crianças devem revelar uma melhoria no seu discurso, descrever acontecimentos da sua vida, sem que dê importância à sequência de acontecimentos, deve saber dizer o seu nome, a sua idade, o seu sexo e o seu mês de nascimento (Rebello e Vital, 2006).

Durante este período a criança é já uma faladora competente, utiliza uma grande variedade de vocabulário, constrói frases e participa em conversas. O seu discurso pode não ser ainda perceptível para todos além do seu seio familiar, porém os outros irão conseguir compreendê-la. A criança já não fala de si na terceira pessoa do singular, mas sim na primeira pessoa do singular, o “eu” (Rombert, 2013).

Segundo as *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar* (OCEPE) (Ministério da Educação [ME], 2007), é muito importante que as crianças em idade pré-escolar adquiram conhecimentos em relação à linguagem oral. Isto não deve acontecer só quando elas chegam ao 1º Ciclo do Ensino Básico (CEB), onde aprendem formalmente a escrever e a ler.

As crianças começam desde cedo a entrar em contacto com o código escrito, por isso não fazia sentido só serem estimuladas para tal no 1º CEB. Assim, na educação pré-escolar, as crianças devem «contactar com as diferentes funções do código escrito» (ME, 2007, p. 65).

Existem estudos que demonstram que a estimulação da consciência fonológica é crucial para que as crianças sejam boas ou más leitoras:

«Quer os resultados dos estudos correlacionais, quer os dos estudos desenvolvimentais, são consistentes na indicação de que as crianças pequenas que apresentam bons resultados em tarefas de consciência fonológica estão posteriormente situadas entre os melhores leitores. Paralelamente, as que iniciam o 1º ano de escolaridade com um frágil desenvolvimento da consciência fonológica estão, anos mais tarde, entre os maus leitores» (Viana, 2002, p.44).

No Projeto *Metas de Aprendizagem* (ME, 2010), na área da linguagem oral e abordagem à escrita, no domínio da consciência fonológica, a meta final 2 refere que «No final da educação pré-escolar, a criança segmenta silabicamente palavras», por isso o trabalho do educador deve ser o de fomentar o desenvolvimento da linguagem oral e abordagem à escrita, para que as crianças adquiram todos os conhecimentos necessários no sentido de as ajudar a prosseguir calmamente o seu percurso escolar.

1.2.O papel do educador

É obrigação do educador saber que o desenvolvimento infantil decorre com a assimilação de experiências sociais que se manifestam por vários meios, de entre eles a linguagem – oral e escrita (Prudêncio et al., 1978).

A transmissão de conhecimento e de ações que ocorrem entre o adulto - neste caso, o educador - e a criança são fulcrais para um bom desenvolvimento da linguagem. O educador deve proporcionar experiências significativas à criança, para que esta possa evoluir nesta área, assim como nas outras. Entre as estratégias adotadas e proporcionadas às crianças, o educador pode construir, por exemplo, instrumentos didáticos com o objetivo de que as crianças progridam com mais facilidade, de forma lúdica, interessante e desafiadora nas diferentes fases de desenvolvimento da consciência fonológica.

Segundo Horta (2015), o educador de infância deve ser um bom comunicador, devendo saber expressar-se bem a diversos níveis, pois este é um modelo que as crianças têm. O

educador é um intermediário para as crianças tanto na linguagem oral como na linguagem escrita, criando situações que lhes permitam desenvolver estas duas formas de linguagem (Alves Martins e Niza, 1998).

O educador deve desenvolver, na sua prática pedagógica, situações que deem a conhecer oralmente às crianças o que está escrito em diversos suportes, pois as crianças mais novas não conseguem identificar as palavras que lhes são significativas sem a sua ajuda (Horta, 2007).

O educador deve aumentar intencionalmente as situações de comunicação, em variados contextos, com diferentes meios (pessoas e recursos), para que as crianças possam ir dominando progressivamente a sua comunicação, tanto como emissores como recetores. A atitude do educador enquanto mediador entre as crianças e o código escrito também é muito importante (Horta, 2015), por isso, as tentativas de escrita das crianças devem ser valorizadas e deve ser-lhes dado um incentivo para tal, mesmo que estas não sejam as mais corretas e bem conseguidas (ME, 2007).

O educador enquanto está a ler uma história, por exemplo, deve ir questionando as crianças sobre as palavras que vão aparecendo, começando pela capa (“Como é que acham que a história se chama?” “O que acham que está aqui escrito?”).

Este deve verificar quais os conhecimentos da criança na área de desenvolvimento da oralidade e abordagem à escrita e assim promover «o seu contacto com as diferentes funções do código escrito, pois vivendo nós numa sociedade alfabetizada, não há criança que, chegada ao jardim de infância, não tenha tido já qualquer contacto com esta forma de expressão e comunicação» (Horta, 2015, p.108).

O educador deve conversar com a criança sobre o que ela está a escrever, de modo a perceber o que esta tentou escrever (Niza e Alves Martins, citadas por Horta, 2008). Este deve disponibilizar e utilizar materiais que deem a conhecer a escrita e que o sejam em suportes variados (Horta, 2015). Esta realidade deve ser adaptada às necessidades e interesses das crianças e introduzida em atividades que as crianças gostem, sem que lhes seja imposta uma palavra, por exemplo.

1.3. Subtestes

Era nossa intenção verificar o nível de consciência fonológica das crianças em estudo, testado através da aplicação de subtestes (adaptados de Sim-Sim, 2006), e a existência ou não de uma evolução por parte das crianças com a aplicação do instrumento didático. Após uma revisão da literatura, seleccionámos os subtestes criados por Sim-Sim (2006) na sua obra *Avaliação da linguagem oral: Um contributo para o conhecimento do desenvolvimento linguístico das crianças portuguesas*, que foram adaptados antes e após a sua aplicação, com o objetivo de verificarmos, primeiro o nível de consciência fonológica que as crianças em estudo possuíam e, posteriormente, a (in)evolução por parte das crianças no que ao seu desenvolvimento diz respeito.

Esta investigadora aplicou os subtestes a crianças dos 3 aos 9 anos de idade em vários jardins de infância e escolas, em Portugal. Criou materiais de avaliação – os subtestes – e aplicou-os. Estes podem ter capacidades recetivas ou expressivas:

- Definição Verbal (recetiva);
- Nomeação (expressiva);
- Compreensão de estruturas complexas (recetiva);
- Complemento de frases (expressiva);
- Reflexão morfossintática (recetiva);
- Segmentação e reconstrução segmental (recetiva).

Aplicou os subtestes na ordem em que aqui são apresentados, sendo o primeiro subteste o mais simples e o último o mais complexo.

Para Sim-Sim (2006) cada subteste tem uma função diferente:

- O subteste de definição verbal consiste em que a criança diga o significado que ela tem para cada palavra, dando características da mesma. É feita a pergunta «Diz-me o que é...» para que se obtenha a resposta. Tinha 35 itens para questionar e foi aplicado em crianças de idades compreendidas entre os 46 e 119 meses. O registo dos resultados foi feito em forma de tabela.

- O subteste de nomeação consiste em fazer uma apreciação da capacidade que a criança tem em atribuir rótulos lexicais a itens do conhecimento desta, sendo que a resposta é motivada pela apresentação de um desenho e é feita a pergunta: «O que é isto?». Eram 35

itens mostrados e foi aplicado a crianças com idades entre os 46 e os 83 meses. O registo dos resultados foi feito em forma de tabela.

- O subteste de compreensão de estruturas complexas pretende avaliar o reconhecimento de um enunciado descontextualizado, através de uma resposta a uma pergunta feita com base num enunciado, por exemplo, resposta: «O carro vermelho da mãe teve um furo», ao que a criança deve responder: «De que cor é o carro da mãe». Tem 32 itens para as crianças responderem e foi feito em crianças com idades desde os 46 aos 119 meses. O registo dos resultados foi feito em forma de tabela.

- O subteste de complemento de frases exige a compreensão global de uma frase, onde faltam uma, duas ou três palavras. A criança tem de completar a frase com as palavras que acha que faltam, por exemplo: «A Rita comeu um bolo e o Tiago comeu dois bolos. Eles comeram três _____». A palavra em falta é «bolos». O subteste tem 30 itens de resposta e foi feito a crianças de 46 aos 119 meses. O registo dos resultados foi feito em forma de tabela.

- O subteste de reflexão morfossintática serve para se perceber se a criança consegue avaliar gramaticamente uma frase e corrigi-la, se estiver errada, justificando a correção. Por exemplo, é dada a frase: «As meninas joga à bola», depois é pedido que a criança a repita, perguntando de seguida se ela acha que a frase está correta. Este subteste foi realizado a crianças com idades entre os 70 e 119 meses, com 22 itens para questionar. As respostas foram registadas em forma de tabela.

- O subteste de segmentação e reconstrução segmental divide-se em quatro blocos, o bloco A – reconstrução silábica, bloco B – reconstrução fonémica, bloco C – segmentação silábica e bloco D – segmentação fonémica. A parte da segmentação serve para verificar se a criança consegue dividir silábica ou foneticamente as palavras que lhe são dadas, por exemplo, é dada a palavra «cavalo» e a criança tem que a dividir tanto silábica como foneticamente. Já na parte da reconstrução é feito exatamente ao contrário: é dada a palavra já “partida”, por exemplo, «ma-ca-co» e a criança tem que a reconstruir para formar a palavra «macaco».

O registo das respostas das crianças foi sempre feito da mesma maneira, em forma de tabela. O bloco A foi feito a crianças com idades entre os 46 e os 83 meses, o bloco B em crianças entre os 70 e os 119 meses, o bloco C em crianças entre os 46 e os 83 meses e o

bloco D em crianças entre os 70 e os 119 meses, sendo que todos os blocos tinham 10 itens para questionamento cada um.

Como Sim-Sim (2006) aplicou os subtestes a uma faixa etária mais alargada (dos 3 anos e 10 meses aos 9 anos e 11 meses), teve de se analisar e decidir sobre quais seriam os subtestes que iriam resultar melhor com o grupo de crianças em estudo. Como tal, foi decidido que os dois primeiros subtestes (definição verbal e nomeação) seriam os mais adequados.

Analisando os subtestes de definição verbal e de nomeação (Sim-Sim, 2006), verificou-se que os itens definidos não eram apropriados para o que nós pretendíamos. Procedemos então à sua adaptação da história *Elmer e o Arco-íris*, de David Mckee e conseqüentemente, às suas imagens. O modelo dos subtestes manteve-se, apenas foram alterados os itens que iriam ser questionados, tanto no subteste de definição verbal como no subteste de nomeação.

O subteste de definição verbal foi construído, tal como foi dito anteriormente com base no subteste de definição verbal de Sim-Sim (2006). Porém, os itens que foram colocados para resposta da parte das crianças foram alterados, tornando-se menos e de acordo com o livro de Mckee, como demonstra a tabela I.2.

Nome da criança observada: _____			
Data da observação: ___/___/___			
Data de nascimento: ___/___/___			
Cotações			
Categoria de respostas	Pontuação	Exemplos	
Definição categorial particularizada	2 pontos	<i>É um animal que dá leite</i>	
Definição categorial	1,5 pontos	<i>É um animal</i>	
Definição percetual	1 ponto	<i>Dá leite</i>	
Definição funcional/sinónimo	0,5 pontos	<i>Cornélia</i>	
Exemplificação	0 pontos	<i>É uma coisa</i>	
Explicação genérica	0 pontos	-----	
Não resposta ou resposta errada			
Itens	Resposta da criança	Observações	Cotação
1. Arco-íris			
2. Elefante			
3. Chuva			
4. Pássaro			
5. Árvore			
6. Leão			
7. Tigre			
8. Coelho			
9. Flor			
10. Girafa			
11. Macaco			
12. Peixe			
13. Crocodilo			
14. Rio			
15. Pedra/Rocha			
16. Cascata			

Tabela I.2 – Subteste de definição verbal.

São 16 os itens a avaliar e foram avaliadas, na primeira aplicação, crianças com idades compreendidas entre os 3 anos e 4 meses e os 4 anos e 2 meses. As cotações do subteste variam entre 0 e 2 pontos, sendo 2 pontos para as respostas com definição categorial particularizada, 1,5 pontos para respostas com definição categorial, 1 ponto para respostas com definição percetual e/ou funcional/sinónimo, 0,5 pontos para respostas com exemplificação e 0 pontos para respostas com explicação genérica ou não resposta ou ainda resposta errada. Apenas foi considerada a primeira resposta de cada criança.

A tabela de registo foi dividida de acordo com a tabela de Sim-Sim (2006) e as cotações também se mantiveram.

No subteste de nomeação aconteceu exatamente o mesmo que no subteste de definição verbal, como demonstra a tabela I.3.

Nome da criança observada: _____			
Data da observação: ___/___/___			
Data de nascimento: ___/___/___			
Cotações			
Categoria de respostas		Pontuação	Exemplos
Atribuição do rótulo correto		2 pontos	<i>Vaca</i>
Designação de um atributo classificativo		1 ponto	<i>Dá leite</i>
Não resposta ou resposta errada		0 pontos	-----
Itens	Resposta da criança	Observações	Cotação
1. Arco-íris			
2. Elefante			
3. Chuva			
4. Pássaro			
5. Árvore			
6. Leão			
7. Tigre			
8. Coelho			
9. Flor			
10. Girafa			
11. Macaco			
12. Peixe			
13. Crocodilo			
14. Rio			
15. Pedra/Rocha			
16. Cascata			

Tabela I.3 – Subteste de nomeação.

São 16 os itens a avaliar e foram avaliadas, na primeira aplicação, crianças com idades compreendidas entre os 3 anos e 4 meses e os 4 anos e 2 meses. As cotações do subteste variam entre 0 e 2 pontos, sendo 2 pontos para as respostas com atribuição do rótulo correto, 1 ponto para respostas com designação de um atributo classificativo e 0 pontos para quando a criança não dá nenhuma resposta ou quando a resposta está errada. Também na aplicação deste subtestes apenas foi considerada a primeira resposta de cada criança.

As imagens utilizadas para a realização do subteste de nomeação encontram-se em anexo (Anexo 2 – Figuras utilizadas para a realização do subteste de nomeação).

Capítulo II – *Design* de Investigação e Intervenção Pedagógica

Neste capítulo apresentaremos a natureza do estudo, a questão de investigação, os objetivos, os participantes no estudo, descrevemos a realização dos subtestes, tanto de definição verbal como de nomeação, a construção e a utilização do instrumento, bem como o delineamento da investigação.

2.1. Natureza do estudo

Este estudo assume um carácter descritivo e experimental, em que se privilegia uma metodologia de natureza quantitativa pela pontuação atribuída às respostas verbais das crianças.

Já Rudio (citado por Franciscato, 2005) refere que na pesquisa descritiva o investigador vai procurar conhecer a realidade, pois está mais interessado na descoberta e na observação dos factos, para que possa descrevê-los e classificá-los.

É uma investigação experimental porque se vão manipular aspetos da realidade, dentro de condições previamente definidas, de modo a que se possa observar se essa manipulação vai causar ou não determinados efeitos esperados (Franciscato, 2005).

Quanto à metodologia quantitativa, segundo Augusto (2014), é aquela em que se prefere utilizar análises, ainda que simples, para que se possa conhecer a realidade.

Segundo Bogdan e Biklen (1994), esta metodologia requer o uso de medidas e métodos padronizados que são convertíveis em números, de maneira a que não permitam a expressão da variedade de perspetivas e experiências das pessoas.

Rodrigues (2007) explica que a metodologia quantitativa passa para números as opiniões e as informações, para que estas possam ser classificadas e analisadas, ou seja, são utilizados cálculos numéricos, como foi o caso deste estudo.

2.2. Questões do estudo

Esta investigação pretende dar resposta às seguintes questões:

- Qual o nível de consciência fonológica das crianças em estudo, testado através da aplicação de subtestes (adaptados de Sim-Sim, 2006)?
- Será que através da utilização de um instrumento didático específico poderemos contribuir para o desenvolvimento da consciência fonológica nas crianças de 3 e 4 anos?

2.3. Objetivos do estudo

Com as questões de investigação traçadas e tendo em consideração o estudo delineado, definiram-se os seguintes objetivos:

- Conhecer o nível de consciência fonológica de crianças de 3 e 4 anos, com base em subtestes (adaptados de Sim-Sim, 2006);
- Estimular o desenvolvimento da consciência fonológica através da utilização de um instrumento didático;
- Avaliar o desenvolvimento da consciência fonológica das crianças após a utilização de um instrumento didático específico.

2.4. Participantes no estudo

Todas as crianças do grupo da sala de atividades onde eu estava inserida em contexto de PES foram os participantes do nosso estudo, retirando, claro, as crianças cujos pais não consentiram a sua participação ou que não entregaram o consentimento informado no período solicitado (dois no total) (Apêndice 1 – Exemplo em branco do Consentimento Informado).

Foram doze os participantes no estudo, com idades compreendidas entre os 3 anos e 3 meses e os 4 anos e 2 meses (no início), seis do género feminino e seis do género masculino.

Por questões de ética e de preservação do anonimato das próprias crianças, os seus nomes foram ocultados, passando os participantes a ser designados por letras, tal como se apresenta na Tabela II.1 – Designação das crianças e respetivas idades.

Crianças	Idades
Criança A	4 anos e 2 meses
Criança B	4 anos e 1 mês
Criança C	3 anos e 11 meses
Criança D	3 anos e 10 meses
Criança E	3 anos e 9 meses
Criança F	3 anos e 9 meses
Criança G	3 anos e 8 meses
Criança H	3 anos e 6 meses
Criança I	3 anos e 6 meses
Criança J	3 anos e 4 meses
Criança K	3 anos e 4 meses
Criança L	3 anos e 4 meses

Tabela II.1 – Designação das crianças e respetivas idades.

2.5. Realização dos subtestes, construção e utilização do instrumento

Este estudo decorreu durante a PES, no ano letivo 2014/15, entre os meses de abril e junho de 2015, num jardim de infância privado, na cidade de Faro.

As crianças que se definiram como participantes no estudo foram submetidas aos subtestes individualmente, sempre que havia oportunidade no decorrer de um dia comum na instituição. Foram realizados os subtestes em alguns momentos da manhã e em alguns momentos da tarde, tal como a utilização do instrumento didático. As crianças eram sempre afastadas do grupo, fosse da sala de atividades, fosse do pátio onde brincavam na hora do recreio.

Tanto na realização dos subtestes como na utilização do instrumento didático, o tempo não excedeu os 10 minutos por criança, pois a sua capacidade de atenção nestas idades é relativamente curta e era necessário que estivessem a realizar as tarefas propostas com o máximo de concentração possível.

O tempo que todo o processo demorou foi para que se pudesse verificar (ou não) as evoluções entre cada realização dos subtestes, no que ao desenvolvimento da consciência fonológica – definição verbal e nomeação – diz respeito.

2.6. Construção do instrumento didático

O instrumento por nós idealizado e construído denomina-se “Jogo de Palavras – *Elmer e o Arco-íris*” e consiste em imagens do livro *Elmer e o Arco-íris*, de David McKee (figura II.1).

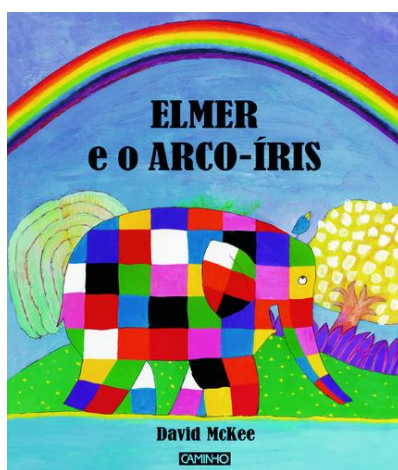


Figura II.1– Livro *Elmer e o Arco-íris*, de David McKee.

A história inicia-se com a manada de elefantes e pássaros abrigados da chuva numa gruta. Elmer, que pertencia à manada, quando parou de chover, apercebeu-se que o arco-íris perdera as suas cores. Partiu em busca pela floresta, passando por vários animais (tigre, leão, coelhos, girafa, macacos, crocodilos, peixes) e foi-lhes perguntando onde é que o arco-íris tocava a terra, pois queria dar-lhe as suas cores. Quando chega aos últimos animais (peixes) estes dizem-lhe que o arco-íris se inicia ao pé da cascata. Elmer dirige-se para lá – onde já estão os outros animais que foi encontrando pelo caminho – entra na cascata e, quando sai de lá, o arco-íris já tinha as suas cores.

As imagens retiradas da história de McKee tinham as respetivas palavras à parte, com a cor correspondente às imagens, que neste caso eram animais, para que as crianças pudessem corresponder a palavra à imagem mais facilmente, como mostra a figura II.2.



Figura II.2– Imagens do livro com as palavras correspondentes.

Estas imagens e palavras foram plastificadas para garantir uma maior durabilidade e resistência do material, pois era desejável que as crianças o manipulassem. Tinham um envelope feito em tecido, para que se pudessem guardar sem que se corresse o risco de se perder, como mostra a figura II.3.



Figura II.3 – Envelopes para guardar palavras/quadrados de feltro e imagens.

O instrumento também continha quadradinhos de feltro com cores correspondentes às cores do arco-íris com palavras correspondentes às cores, com a cor de acordo com cada quadrado, como mostrado na figura II.4.



Figura II.4 - Quadrados de feltro com palavras correspondentes.

Todas as palavras, imagens e quadrados de feltro tinham pedaços de velcro atrás, para facilitar o manuseamento destes pelas crianças (colar e retirar).

O instrumento também tinha os seus auxiliares, construídos em feltro, para que as crianças pudessem identificar as cores e os principais elementos que faziam parte do livro (figura II.5).



Figura II.5 – *Elmer* e arco-íris feitos em feltro.

O instrumento serviu para as crianças, a partir da história que lhes foi lida, conseguirem identificar as palavras principais (nome dos animais, cores do arco-íris).

Segundo o ME (2007), é muito importante que as crianças em idade pré-escolar adquiram conhecimentos em relação à linguagem oral e esses conhecimentos não devem acontecer apenas quando elas chegam ao 1º CEB, onde aprendem a escrever e a ler formalmente. Estes conhecimentos e aprendizagens devem ter início na educação pré-escolar.

As crianças começam desde cedo a entrar em contacto com o código escrito e, como tal, é suposto que, na educação pré-escolar, possam «contactar com as diferentes funções do código escrito» (ME, 2007, p. 65).

O instrumento por nós construído serve para isso mesmo, para que as crianças tenham contacto com o código escrito e para que desenvolvam a sua linguagem oral, pois ao desenvolverem a oralidade estão a contribuir para que o posterior desenvolvimento do código escrito seja melhor. Também serve, como é evidente, para o desenvolvimento da consciência fonológica, que foi o que quisemos explorar primordialmente com a realização deste estudo.

2.7.Utilização do instrumento didático

Antes de se dar início ao desenvolvimento das atividades foram realizados os primeiros subtestes. Tal como já o referimos anteriormente, foram adaptados dos subtestes que Sim-Sim (2006) realizou no seu estudo *Avaliação da Linguagem Oral – Um contributo para o conhecimento do desenvolvimento linguístico das crianças portuguesas*.

Porém, depois de analisarmos o estudo de Sim-Sim (2006), resolvemos escolher apenas dois dos subtestes, pois conhecendo o grupo de crianças sabemos que os restantes seriam muito difíceis para que eles os realizassem, pelo menos numa primeira fase do processo. Tal como já o indicámos no Capítulo I, seleccionámos os subtestes de domínio linguístico lexical, o subteste de definição verbal e o subteste de nomeação. Os subtestes de Sim-Sim (2006) serviram apenas de exemplo, pois os que utilizámos foram adaptados para história *Elmer e o arco-íris*, de David Mckee.

Foram seleccionadas imagens encontradas no livro. Para o subteste de definição verbal, que visa essencialmente a obtenção de significados dados pelas crianças em relação a certas palavras, significados estes que deverão dar uma explicação das características mais relevantes do conceito representado pelo vocábulo. Foram usadas as palavras – arco-íris; elefante; chuva; pássaro; árvore; leão; tigre; coelho; flor; girafa; macaco; peixe; crocodilo; rio; pedra/rocha; cascata, para que as crianças nos dissessem uma ou mais características presentes nas palavras e para isso tinham que nos responder à pergunta: «Diz-me o que é...».

No subteste de nomeação, trata-se da «apreciação da capacidade de atribuição de rótulos lexicais a itens do conhecimento quotidiano das crianças, sendo a resposta motivada pela apresentação de uma estímulo gráfico (desenho) a que se segue a pergunta “O que é isto?”» (Sim-Sim, 2006, p.7). A nomeação é uma rotulação de algo, como por exemplo, é apresentado uma imagem de uma mesa e as crianças irão dizer que aquilo é uma mesa, em que estão a rotular o nome que é atribuído àquele objeto. Foram mostradas as imagens do livro de Mckee, utilizando-o como recurso.

Na aplicação dos dois subtestes, apenas foi seleccionada a primeira resposta da criança. Para que se pudessem classificar os subtestes foram realizadas tabelas de registo, também adaptadas das tabelas que Sim-Sim (2006) utilizou no seu estudo.

2.7.1. 1ª aplicação dos subtestes

Aplicámos então os dois subtestes. Para classificar as respostas do subteste de definição verbal fizemos um levantamento das respostas que foram dadas pelas crianças e as mais corretas e completas recebiam dois pontos, sendo que as respostas restantes tinham classificações de 1,5 pontos, 1 ponto, 0,5 pontos e 0 pontos. A cotação máxima deste subteste é de 32 pontos (Apêndice 2 – Classificações da 1ª aplicação do subteste de definição verbal).

Para classificar as respostas do subteste de nomeação o processo foi mais simples, pois só existiam respostas certas, respostas intermédias (sinónimos das respostas certas, por exemplo) e respostas erradas. As respostas certas foram classificadas com 2 pontos, as intermédias com 1 ponto e as erradas com 0 pontos. A cotação máxima deste subteste é de 32 pontos.

Depois de todos os subtestes classificados contámos a história do *Elmer e o Arco-íris*, previamente utilizada nos subtestes. A história foi contada ainda em contexto de PES e as crianças foram questionadas sobre que animais apareciam na história, as suas cores, o que estava a acontecer, a previsão do que iria acontecer, o que era o arco-íris e quais cores que o definiam.

2.7.2. 1ª fase da atividade

Posteriormente, já fora do contexto de PES, foi iniciada a primeira fase da atividade. Primeiro questionámos as crianças sobre a lembrança que tinham da história que lhes tinha sido previamente contada, para em seguida lhes perguntarmos o que eram as imagens que estavam na mesa, para que pudessem identificá-las como animais. Depois foi pedido que as crianças identificassem os animais e as suas respetivas cores.

Foram mostradas as palavras correspondentes e questionámo-las sobre o que ali estava, ao que a maior parte das crianças respondeu que eram letras.

Foi explicado às crianças que as palavras que ali estavam eram as designações dos animais que estavam representados nas imagens e que essas palavras estavam escritas com as cores dos animais.

Grande parte das crianças não teve qualquer dificuldade em associar as palavras com as imagens dos animais (figura II.6).



Figura II.6 – Exemplo: resultados da criança B.

Apesar disso, notou-se uma pequena dificuldade na definição entre as palavras «leão» e «girafa» (figura II.7), pois tinham cores parecidas.



Figura II.7 – Exemplo: resultados da criança G.

A maior parte das crianças associou a palavra «girafa» à sua imagem pois têm quase o mesmo tamanho, como mostra a figura II.8 Porém, quando foram questionadas sobre o porquê de colocarem a palavra naquele local disseram apenas «Porque sim» ou porque ali estava escrito «girafa».



Figura II.8 – Comparação da palavra «girafa» com a sua respetiva imagem.

Em seguida foram mostrados quadrados com as sete cores do arco-íris (vermelho, cor-de-laranja, amarelo, verde, azul, anil e violeta). As crianças foram questionadas sobre aonde pertenceriam aquelas cores, ao que muitas responderam que era ao Elmer. Então foi mostrado o “peluche” do Elmer, para que as crianças vissem que algumas cores que aquele tem não estavam representadas nos quadrados de feltro. Posteriormente foi mostrado um arco-íris – sem o designar pelo nome – e assim que as crianças disseram o que seria, foi perguntado novamente de onde eram aquelas cores e grande parte das crianças percebeu que eram do arco-íris.

Foi depois pedido às crianças que ordenassem os quadrados pelas cores do arco-íris, com o auxílio da figura mostrada (figura II.9). Foram mostradas as palavras correspondentes às cores do arco-íris – que estavam escritas com as mesmas cores que os quadrados – e foi dito às crianças que ali estava escrito os nomes das cores e foi-lhes pedido que os pusessem no sítio certo.



Figura II.9 – Arco-íris feito em feltro para auxiliar as crianças no seguimento das cores.

Esta parte da atividade foi feita com mais facilidade, pois as palavras estavam escritas em correspondência à sua cor (figura II.10), contrariamente às palavras dos animais e às figuras correspondentes.



Figura II.10– Resultados de uma das crianças a título de exemplo.

Todo este processo foi feito individualmente com cada criança. Cada criança realizou as duas tarefas no mesmo dia.

2.7.3. 2ª aplicação dos subtestes

Assim que se terminou a primeira fase da atividade, foram repetidos os subtestes nos dias seguintes ao término da primeira fase da atividade, para ver se tinha havido uma evolução por parte das crianças. As classificações da 2ª aplicação do subteste de definição verbal encontram-se em apêndice (Apêndice 3 – Classificações da 2ª aplicação do subteste de definição verbal).

Foi necessária a repetição dos subtestes com algumas crianças, pois sentimos que não estavam a dar “tudo de si”, demonstrando desatenção, pois o local onde foi desenvolvida a atividade era um local de passagem de todo o jardim de infância e as crianças distraíam-se sempre que passava alguém a fazer mais barulho do que era habitual, ou simplesmente porque não lhes apetecia responder às perguntas colocadas.

Os subtestes foram feitos individualmente com cada criança e foram ambos feitos no mesmo dia.

2.7.4. 2ª fase da atividade

Para a segunda fase da atividade foram colocados mais desafios e que se iniciou dias depois da segunda aplicação dos subtestes, sendo realizada individualmente com cada criança.

Iniciou-se quando foram dadas às crianças as palavras e as respetivas figuras dos animais novamente. A primeira criança a realizar esta fase começou a colocar as palavras com as respetivas figuras dos animais sem que lhe fosse pedido. Como tal, a partir daí foi pedido que colocassem no sítio certo as palavras com os respetivos animais. A maior parte das crianças conseguiu fazê-lo sem grande dificuldade.

Depois da parte das figuras com as respetivas palavras construídas, foi dado um exemplo de uma palavra às crianças (banana) e foi dito que se dividia da seguinte forma: ba.na.na, batendo palmas entre as sílabas. Foi explicado às crianças que deveriam fazer o mesmo com as palavras dos animais. Foi notório que algumas crianças não compreenderam de imediato o que era para fazer, mas com alguma insistência chegou-se ao objetivo.

Em algumas das crianças notou-se que se fosse pedido que comessem a atividade com a palavra «elefantes» não conseguiam fazê-la, mas se comessem com a palavra «pássaros» conseguiam e depois já conseguiram dizer como se faria a segmentação silábica com a palavra «elefantes».

A palavra «pássaros» era entendida pelas crianças como uma palavra CV (consoante-vogal), apesar de não o ser, sendo assim mais fácil de efetuar a sua segmentação silábica, já a palavra «elefantes» é uma palavra que se inicia com uma vogal e não segue o ciclo CV.

A estrutura CV é a primeira estrutura que é adquirida pelas crianças e que está em primeiro lugar na hierarquia, ou seja, as crianças primeiro adquirem a estrutura CV, depois adquirem a estrutura CVC (consoante-vogal-consoante) e só depois a CCV (consoante-consoante-vogal). Por outras palavras, as crianças conseguem criar palavras com a estrutura CV, pois ou omitem a primeira letra da palavra ou acrescentam uma letra no final da palavra (por exemplo: azul passa a “azule”) (Lima, 2009).

Depois das palavras dos animais passámos às palavras das cores, onde não foi preciso o auxílio dos quadrados de feltro às cores, pois a cor da palavra era correspondente à cor que se pretendia que as crianças identificassem. Foi pedido que as crianças fizessem exatamente a mesma coisa que tinham feito anteriormente e estas revelaram menos dificuldades a fazê-lo, pois o método de como se realizava a atividade já tinha sido compreendido.

2.7.5. 3ª aplicação dos subtestes

Depois da segunda fase da atividade terminada foram aplicados os subtestes novamente, para sabermos se as crianças tinham sofrido ou não uma evolução desde os subtestes anteriores e para vermos se os nossos objetivos estavam realmente a ser cumpridos. Esta terceira aplicação foi feita individualmente com cada criança, deslocando-as para um local distante de todas as outras, um ou dois dias depois de realizada a segunda fase da atividade. As classificações da 3ª aplicação do subteste de definição verbal encontram-se em apêndice (Apêndice 4 – Classificações da 3ª aplicação do subteste de definição verbal).

Capítulo III - Apresentação e análise interpretativa dos resultados

Este capítulo corresponde à apresentação e à análise interpretativa dos resultados obtidos, que serão apresentados em gráficos para uma melhor leitura.

Irão ser apresentados e, simultaneamente analisados, os resultados obtidos pela seguinte ordem:

1. Os primeiros resultados obtidos na implementação dos subtestes (separadamente);
2. Os resultados obtidos na primeira fase da atividade;
3. Os resultados obtidos na segunda implementação dos subtestes;
4. Os resultados obtidos na segunda fase da atividade;
5. E, finalmente, os resultados da terceira implementação dos subtestes.

Será realizada uma comparação analítica e interpretativa entre os resultados dos subtestes separadamente (definição verbal e nomeação), para vermos a evolução ou não de cada criança particularmente e, posteriormente, uma análise global.

Os resultados dos subtestes (definição verbal e nomeação) irão ter uma classificação positiva ou negativa, dependendo da sua pontuação:

- De 0 pontos a <16 pontos a pontuação é classificada como negativa, pois fica abaixo de metade da classificação máxima (32 pontos);
- De ≥ 16 pontos a 32 pontos a pontuação é classificada como positiva, pois fica acima de metade da classificação máxima (32 pontos).

Esta noção de positivo e negativo foi baseada nas cotações de 0% a 100%, a primeira metade do nível máximo, ou seja, de 0 a <50%, por exemplo, é uma classificação negativa, a segunda metade do nível máximo, ou seja, de ≥ 50 a 100%, é uma classificação positiva, tendo sido considerada apenas a primeira resposta dada pela criança.

3.1. Resultados da 1ª aplicação do subtteste de definição verbal

O subtteste de definição verbal serve para verificar se as crianças conseguem dar um significado às palavras propostas, respondendo à pergunta: «Diz-me o que é...».

Os resultados da 1ª aplicação do subtteste de definição verbal foram obtidos quando as crianças ainda não tinham tido qualquer contato com o livro (*Elmer e o Arco-íris*), utilizado para a realização dos subttestes.

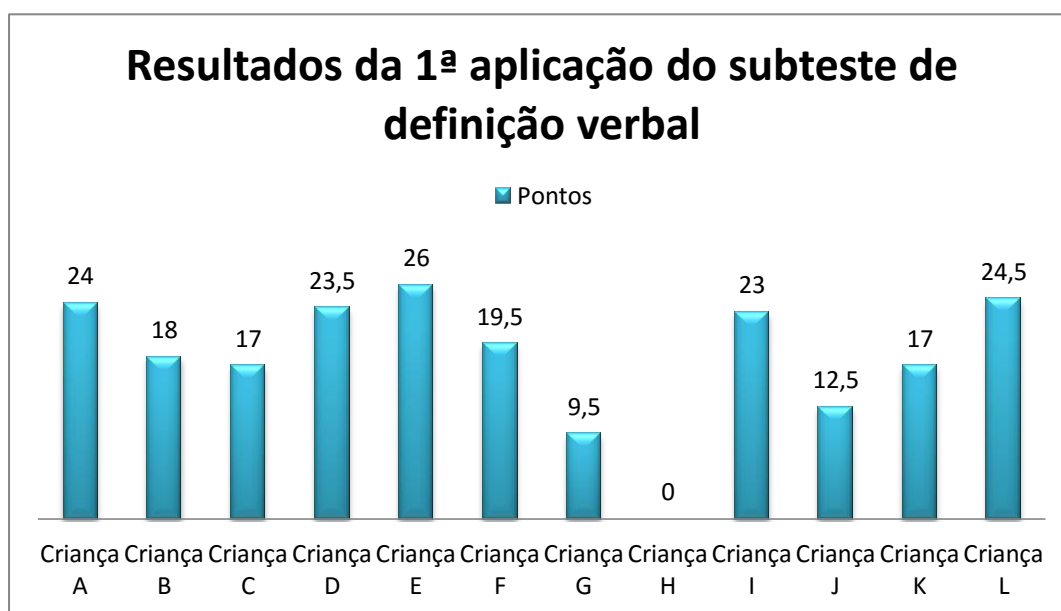


Gráfico III. 1 – Resultados da 1ª aplicação do subtteste de definição verbal.

Os resultados da primeira aplicação do subtteste de definição verbal contaram com apenas uma criança a obter classificação nula (H), uma criança a obter uma classificação de 9,5 pontos (G), duas crianças com classificação de 17 pontos (C e K), uma criança com classificação de 18 pontos (criança B), uma criança com classificação de 19,5 pontos (F), uma criança com classificação de 23 pontos (I), uma criança com classificação de 23,5 pontos (D), uma criança com 24 pontos (A), uma criança com 24,5 pontos (L) e finalmente, uma criança com uma classificação de 26 pontos (E).

Podemos também verificar que sendo 32 pontos o resultado máximo que as crianças poderiam obter, três delas se encontram num patamar negativo: nove crianças ≥ 16 pontos (A, B, C, D, E, F, I, K e L) e três crianças < 16 pontos (G, H e J).

Os resultados variam dos 0 aos 26 pontos e as crianças tinham idades compreendidas dos 3 anos e 4 meses e os 4 anos e 2 meses, cujos resultados e respostas de cada subteste se encontra em apêndice (Apêndice 5 – Resultados da 1ª aplicação dos subtestes de definição verbal).

3.2. Resultados da 1ª aplicação do subteste de nomeação

O subteste de nomeação serve para verificar se as crianças conseguem atribuir rótulos a imagens mostradas, respondendo à pergunta: «O que é isto?».

Os resultados da 1ª aplicação do subteste de nomeação foram obtidos no mesmo dia ou no dia seguinte à 1ª aplicação do subteste de definição verbal, exatamente nas mesmas circunstâncias.

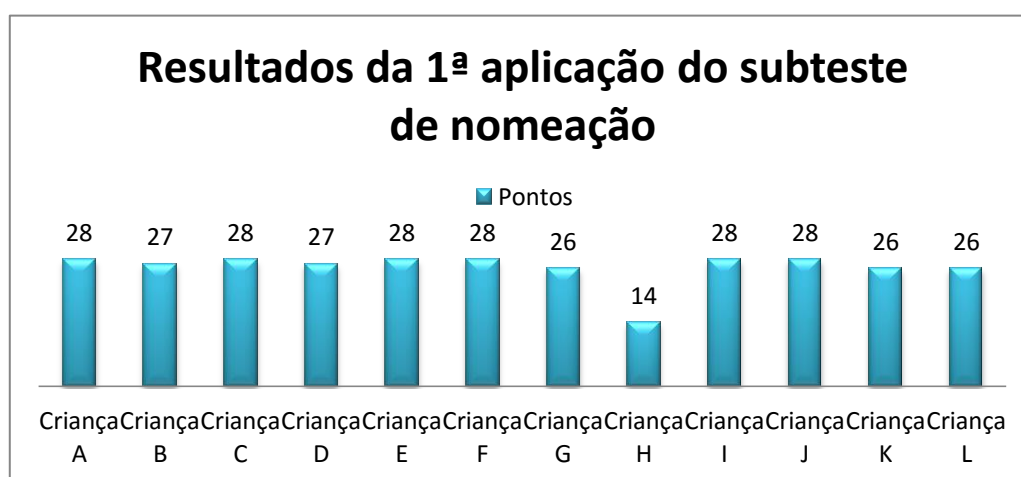


Gráfico III.2 – Resultados da 1ª aplicação do subteste de nomeação.

Os resultados da primeira aplicação do subteste de nomeação foram de apenas uma criança com uma classificação de 14 pontos (H), três crianças com 26 pontos (G, K e L), duas crianças com 27 pontos (B e D) e seis crianças com a classificação de 28 pontos (A, C, E, F, I, J).

Podemos verificar ainda que uma das crianças se encontra num nível negativo (H), pois o resultado máximo que poderiam obter seria 32 pontos e metade de 32 pontos é 16 pontos, logo a criança que obteve 14 pontos ainda não alcançou o nível positivo. Assim, onze crianças ≥ 16 pontos (A, B, C, D, E, F, G, I, J, K e L) e uma criança < 16 pontos (H).

Os resultados variam então dos 14 aos 28 pontos e as crianças tinham idades compreendidas dos 3 anos e 4 meses e os 4 anos e 2 meses. Os resultados e respostas de cada subteste encontra-se em apêndice (Apêndice 6 – Resultados da 1ª aplicação dos subtestes de nomeação).

3.3. Resultados da primeira fase da utilização do instrumento

Após a avaliação do desenvolvimento da consciência fonológica, através da aplicação de subtestes, a primeira fase da utilização do instrumento foi realizada individualmente com cada criança, dois meses depois de serem aplicados os primeiros subtestes.

A primeira fase da utilização do instrumento consistia em que as crianças associassem as palavras às imagens/cores do livro de David McKee, *Elmer e o Arco-íris*, que foram retiradas dos vários elementos que iam aparecendo na história. Primeiramente eram apresentadas as palavras (com a cor das respetivas imagens) e as imagens correspondentes (elefantes, crocodilos, tigre, girafa, pássaros, leão, coelhos, macacos e peixes), para que as crianças fizessem corresponder as palavras às imagens. De seguida, eram mostrados quadrados de feltro das cores do arco-íris e era pedido a cada criança para que identificasse de onde vinham aquelas cores. Posteriormente era mostrado o recurso do arco-íris feito em feltro, para que as crianças colocassem as cores pela ordem certa, passando depois para a apresentação das palavras (vermelho, cor-de-laranja, amarelo, verde, azul, anil e violeta), que eram correspondentes às cores dos quadrados de feltro, para que fosse feito o mesmo processo, tal como o que foi feito com as palavras e as imagens.

Crianças A, B, E, F, J, K e L:

Estas crianças, depois de explicada a atividade não apresentaram dificuldades, nem a identificar as cores dos animais nem a identificar as palavras que correspondiam às designações dos animais e o mesmo se passou com as cores.

Criança C:

Esta criança teve dificuldade com a palavra «macacos», pois não conseguia identificar a cor castanha e não a conseguia associar bem à imagem do animal correspondente, porém, conseguiu ultrapassar a dificuldade sentida e depois não revelou quaisquer outra dificuldade em associar as palavras aos animais e as palavras aos quadrados de feltro.

Criança D:

Esta criança teve dificuldade em associar as cores aos animais e por isso tiveram que ser dados exemplos de como se realizava a atividade. Depois dos exemplos dados a criança conseguiu prosseguir com a atividade e efetuou-a toda com sucesso.

Crianças G e H:

Estas crianças trocaram a posição da palavra «leão» com a posição da palavra «girafa», pois têm cores muito semelhantes. Porém, compreenderam o que era pretendido na atividade e efetuaram-na com sucesso.

Criança I:

Esta criança trocou as posições das palavras «girafa» com «tigre», «leão» com «girafa» e «tigre» com «leão», o que poderá dever-se ao facto de terem cores bastante semelhantes. Como a criança ainda não tem a percepção do que está realmente escrito nas palavras mostradas, realizou a atividade como achou que era correto. Tudo o resto foi efetuado com sucesso.

Todas as crianças, à exceção da criança D, compreenderam o que era pretendido na atividade. No geral, todas as crianças obtiveram sucesso no que fizeram, pois as crianças que erraram a posição de alguma das palavras só falharam duas ou três.

3.4. Resultados da 2ª aplicação do subtteste de definição verbal

A segunda aplicação do subtteste foi feita no dia seguinte à primeira implementação da atividade.

Ao analisarmos o gráfico III.3, podemos verificar que existiu uma evolução por parte das crianças, pois agora nenhuma obteve uma classificação nula e o resultado máximo obtido aumentou de 26 pontos para 29,5 pontos.

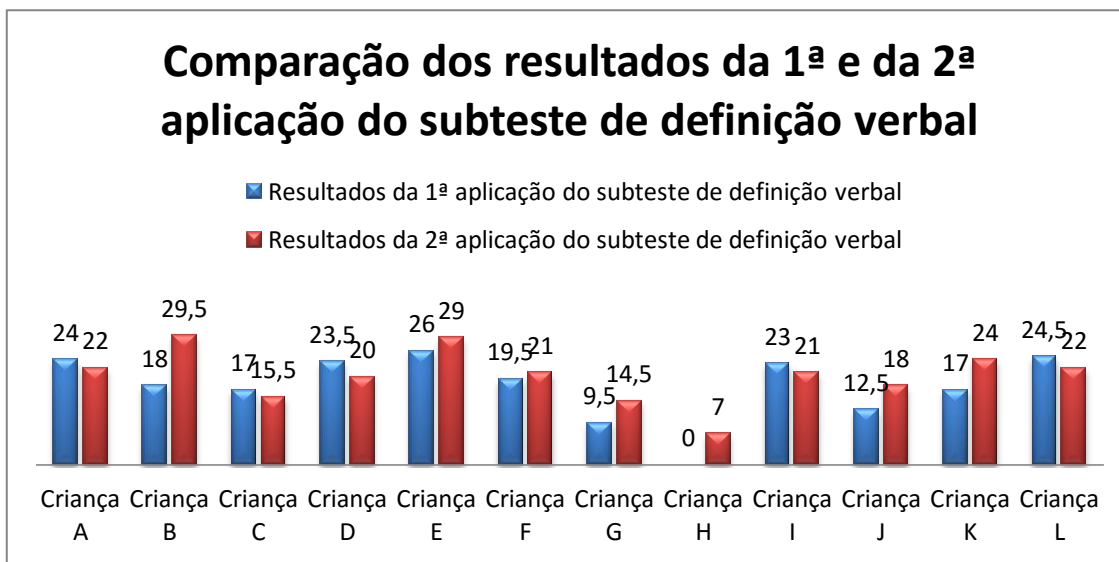


Gráfico III.3 – Comparação dos resultados da 1ª e da 2ª aplicação do subtteste de definição verbal.

Ao observarmos o gráfico podemos verificar que uma criança obteve a classificação de 7 pontos (H) na 2ª aplicação do subtteste de definição verbal, uma criança obteve 14,5 pontos (G), uma criança com classificação de 15,5 pontos (C), uma criança com 18 pontos (J), uma criança com 20 pontos (D), duas crianças com 21 pontos (F e I), duas crianças com 22 pontos (A e L), uma criança com 24 pontos (K), uma criança com 29 pontos (E) e uma criança com 29,5 pontos (B).

Também podemos verificar que três das crianças continuam num patamar negativo (C, G e H). Porém, uma delas está muito próxima de obter uma classificação positiva, uma vez que a classificação começa a ser positiva a partir dos 16 pontos e a criança obteve um total de 15,5 pontos (C). Como tal, nove crianças ≥ 16 pontos (A, B, D, E, F, I, J, K e L) e três crianças < 16 pontos (C, G e H).

Os resultados variam dos 7 aos 29,5 pontos e as crianças tinham idades compreendidas dos 3 anos e 6 meses e os 4 anos e 3 meses. Os resultados e respostas de cada subtteste

encontra-se em apêndice (Apêndice 7 – Resultados da 2ª aplicação dos subtestes de definição verbal).

Também podemos verificar que da 1ª para a 2ª aplicação do subteste de definição verbal, cinco crianças (A, C, D, I e L) baixaram os seus resultados, enquanto as restantes (B, E, F, G, H, J e K) conseguiram aumentá-los.

3.5. Resultados da 2ª aplicação do subteste de nomeação

A segunda aplicação do subteste foi feita no dia seguinte à primeira implementação da atividade.

Podemos verificar pelo gráfico III.4 que as crianças sofreram uma evolução significativa em termos de resultados, já que na 1ª aplicação tinham obtido como classificação mais baixa 14 pontos e agora obtiveram 21 pontos e a classificação mais alta na 1ª aplicação tinham sido de 28 pontos e agora é de 31 pontos.

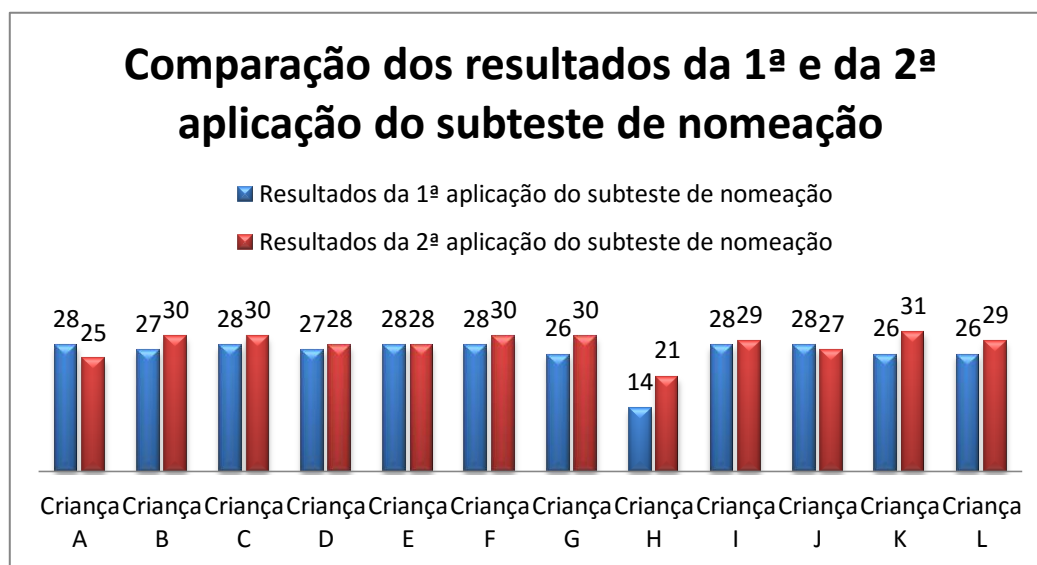


Gráfico III.4 – Comparação dos resultados da 1ª e da 2ª aplicação do subteste de nomeação.

Analisando o gráfico 3, podemos verificar que apenas uma criança obteve 21 pontos na 2ª aplicação do subteste de nomeação (H), uma criança obteve 25 pontos (A), uma criança obteve 27 pontos (J), duas crianças obtiveram 28 pontos (D e E), duas crianças obtiveram 29 pontos (I e L), quatro crianças obtiveram 30 pontos (B, C, F e G) e uma criança obteve a classificação de 31 pontos (K).

Podemos verificar também que nenhuma das crianças se encontra agora no patamar negativo, sendo que para estar neste patamar teriam que ter obtido uma classificação inferior a 16 pontos e os resultados obtidos foram: 12 crianças \geq 16 pontos (A, B, C, D, E, F, G, H, I, J, K e L).

Os resultados variam dos 14 aos 31 pontos e as crianças tinham idades compreendidas entre os 3 anos e 6 meses e os 4 anos e 3 meses. Os resultados e respostas de cada subteste encontram-se em apêndice (Apêndice 8 – Resultados da 2ª implementação dos subtestes de nomeação).

Também podemos verificar que duas crianças (A e J) desceram os seus resultados da 1ª para a 2ª aplicação dos subtestes de nomeação, uma criança (E) manteve o seu resultado e as restantes crianças (B, C, D, F, G, H, I, K e L) aumentaram os seus resultados.

3.6. Resultados da segunda fase da utilização do instrumento

A segunda fase da utilização do instrumento realizou-se sensivelmente uma semana depois da segunda aplicação dos subtestes.

Nesta fase era solicitado às crianças que primeiramente fizessem o mesmo processo que na primeira fase (associar as palavras às imagens/quadrados de feltro). Em seguida, foi dado um exemplo do que se pretendia. Foi dita a palavra «banana» e foi dito que se dividia da seguinte forma: ba.na.na, batendo palmas entre cada sílaba. Foi explicado que deveriam fazer o mesmo com as palavras que lhes fossem apresentadas.

O gráfico III.5 representa o número de respostas certas e erradas que cada palavra obteve.

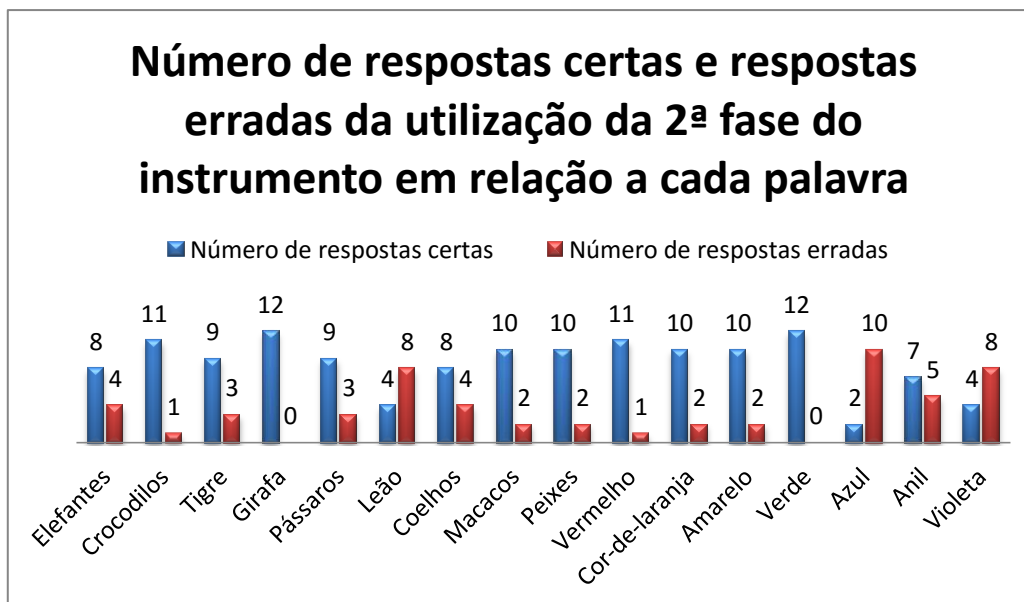


Gráfico III.5 – Número de respostas certas e respostas erradas da utilização da 2ª fase da atividade em relação a cada palavra.

Podemos verificar que as que obtiveram mais sucesso foram as palavras «verde» e «crocodilos», enquanto as de menos sucesso foram as palavras «azul», «anil» e «violeta». Tal situação poder-se-á dever ao facto de as crianças dividirem as palavras como se tivessem a vogal «e» no final, isto no caso das palavras «azul» e «anil». A palavra «violeta» era dividida como se a vogal «o» pertencesse à primeira sílaba da palavra.

As grelhas utilizadas para as anotações das respostas das crianças encontram-se em apêndice (Apêndice 9 – Grelhas da 2ª fase da utilização do instrumento), porém foi feito um levantamento das palavras em que cada criança errou (aqui apresentadas tal como foram pronunciadas):

Criança A: e.le.fantes; leão; ma.cacos, a.zu.l; vio.le.ta.

Criança B: ti.g[u]e.re; le.ã.o; a.zu.l; vio.le.ta.

Criança C: le.ã.o; azu.l; a.ni.l; vio.le.ta.

Criança D: vio.le.ta.

Criança E: ti.g[u]e.re; le.ã.o; cor.dela.ran.ja; a.zu.l.

Criança F: co.elhos; a.mare.lo; a.zu.l; a.ni.l; vio.le.ta.

Criança G: coe.lhos; a.zu.l; a.ni.l.

Criança H: le.ã.o; ma.cacos; ama.re.lo; a.zu.l; vio.le.ta.

Criança I: ti.g[u]e.re; le.ã.o.; pei.xes; coe.lhos; a.zu.l; vio.le.ta.

Criança J: ele.fantes; pá.ssaros; le.ã.o.; a.zu.l; a.ni.l.

Criança K: pá.ssa.ros; coe.lhos; ver.melho; vio.le.ta.

Criança L: e.le.fantes; cro.co.dilos; pá.ssaros; le.ã.o.; peixes; cor.de.laran.ja; a.zu.l; a.ni.l.

A criança que obteve mais respostas erradas foi a criança L, com um total de oito respostas erradas. A criança que obteve menos respostas erradas foi a criança D: apenas uma.

Seguidamente foi feito um levantamento das respostas erradas das crianças para cada palavra (Tabela III.1):

	Respostas erradas
Elefantes	e.le.fan.tes; ele.fantes
Crocodilos	Cro.co.dilos
Tigre	Ti.g[u]e.re
Girafa	-----
Pássaros	Pá.ssaros
Leão	Le.ã.o; leão
Coelhos	Coe.lhos; Co.elhos
Macacos	Ma.cacos
Peixes	Peixes
Vermelho	Ver.melho
Cor-de-laranja	Cor.dela.ran.ja; Cor.de.la.ranja
Amarelo	Ama.re.lo; A.mare.lo
Verde	-----
Azul	A.zu.l; Azu.l
Anil	A.ni.l
Violeta	Vio.le.ta

Tabela III.1 – Respostas erradas por partes das crianças.

No gráfico III.6 podemos verificar o número de respostas certas e o número de respostas erradas por parte de cada criança individualmente.

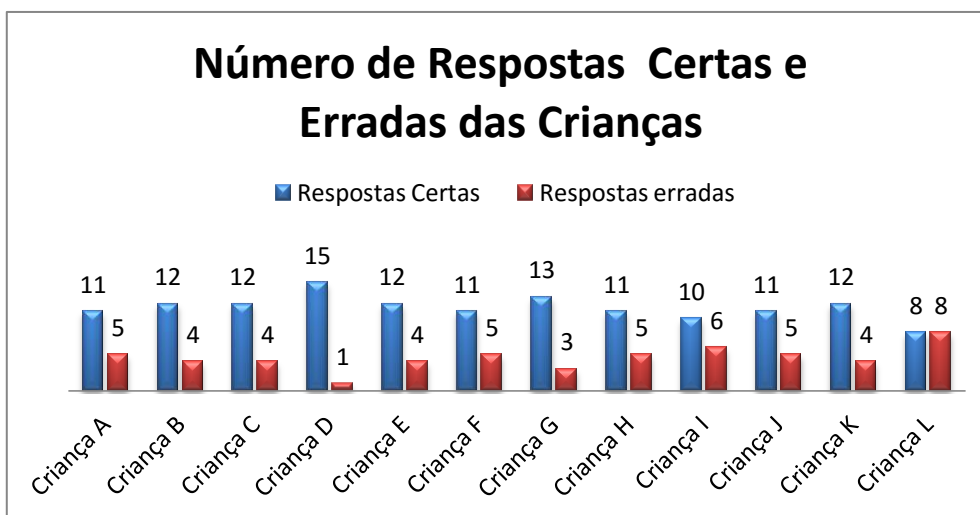


Gráfico III.6 – Número de respostas certas e erradas das crianças

Ao analisarmos o gráfico III.6, podemos verificar que nenhuma das crianças ficou num patamar negativo em relação às respostas certas, pois para ficarem num patamar negativo teriam que ter acertado em menos de oito palavras, ou seja, menos de metade do número de respostas certas possíveis.

Olhando para o gráfico, uma criança tem oito respostas certas e oito respostas erradas (L), uma das crianças tem dez respostas certas e seis erradas (I), quatro crianças têm onze respostas certas e cinco erradas (A, F, H e J), quatro crianças têm doze respostas certas e quatro erradas (B, C, E e K), uma criança tem treze respostas certas e três erradas (G) e uma criança tem quinze respostas certas e uma resposta errada (D).

3.7. Resultados da 3ª aplicação do subteste de definição verbal

A terceira aplicação do subteste foi feita no dia seguinte à segunda implementação da atividade.

Se observarmos com atenção o gráfico III.7, podemos verificar que a classificação mais baixa agora é de 24 pontos, mas na 2ª aplicação deste subteste era de 7 pontos. Verificamos também que a classificação mais alta é agora de 29 pontos e na 2ª aplicação era de 29,5, o que pode ser explicado com o facto de todas as aplicações dos subtestes terem pontuações diferentes, consoante as respostas das crianças.

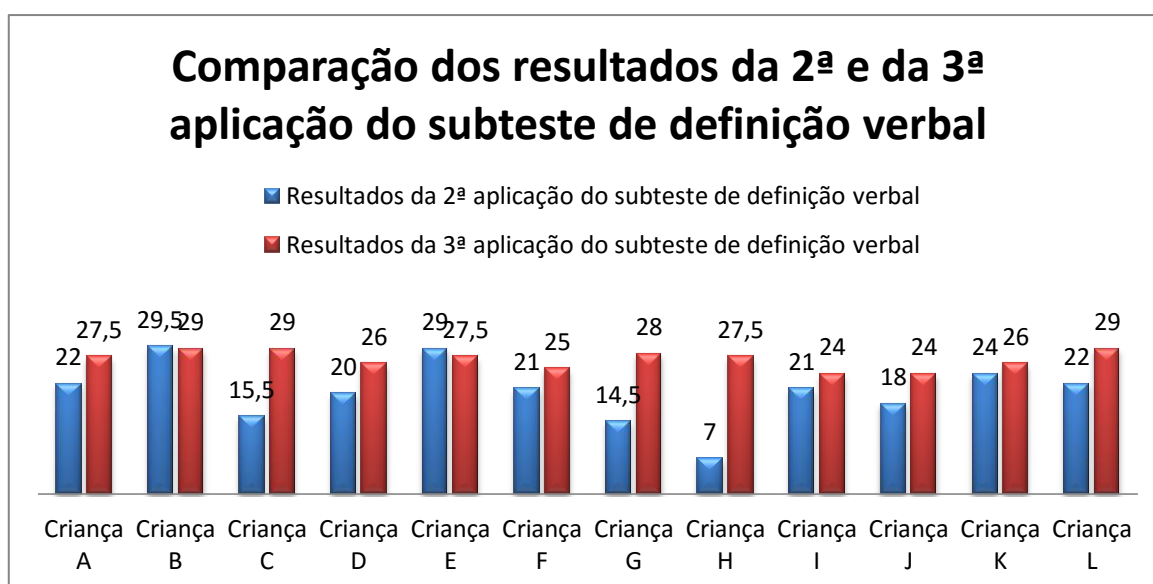


Gráfico III.6 – Comparação dos resultados da 2ª e da 3ª aplicação do subteste de definição verbal.

Analisando o gráfico, duas crianças obtiveram 24 pontos (I e J), uma obteve 25 pontos (F), duas obtiveram 26 pontos (D e K), três obtiveram 27,5 pontos (A, E e H), uma obteve 28 pontos (G) e três crianças obtiveram a classificação de 29 pontos (B, C e L).

Podemos verificar que, pelos resultados do gráfico 7, houve uma evolução por parte das crianças, pois nenhuma delas se encontra no patamar negativo (<16 pontos). Todas se encontram acima dos 20 pontos, o que se nos revela uma excelente evolução em termos de pontuação: doze crianças ≥ 16 pontos (A, B, C, D, E, F, G, H, I, J, K e L).

Os resultados variam dos 24 aos 29 pontos e as crianças tinham idades compreendidas entre os 3 anos e 6 meses e os 4 anos e 3 meses (no final do estudo). Os resultados e respostas de cada subteste encontra-se em apêndice (Apêndice 10 – Resultados da 3ª aplicação dos subtestes de definição verbal).

Também podemos verificar que, da 2ª para a 3ª aplicação dos subtestes de definição verbal, duas crianças (B e E) baixaram ligeiramente os seus resultados e as restantes (A, C, D, F, G, H, I, J, K e L) aumentaram a sua pontuação.

3.8. Resultados da 3ª aplicação do subteste de nomeação

A terceira aplicação do subteste foi feita no dia seguinte à segunda implementação da atividade.

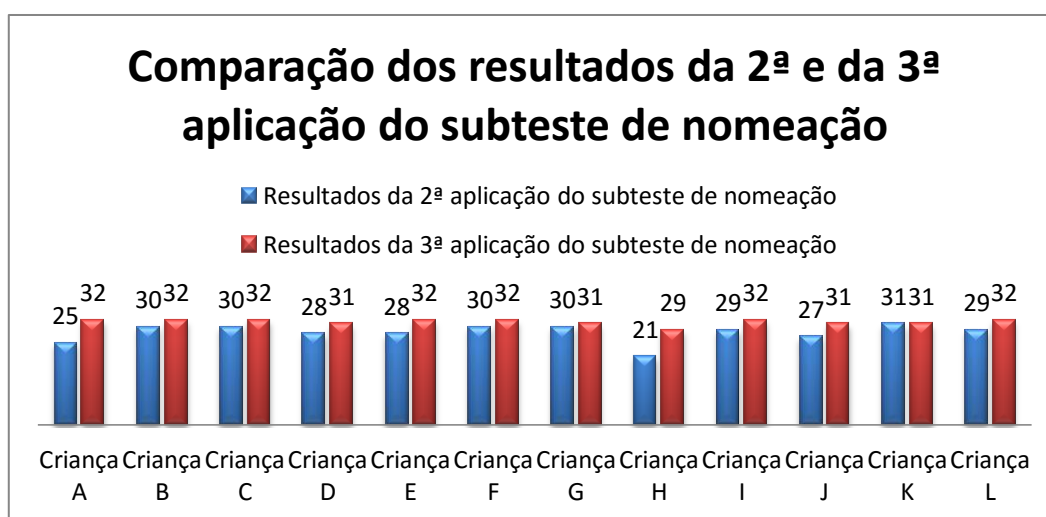


Gráfico III.7 – Comparação dos resultados da 2ª e da 3ª aplicação do subteste de nomeação.

Através da leitura ao Gráfico III.8 podemos verificar que as crianças voltaram a ter uma evolução, pois na 2ª aplicação o resultado mais baixo tinha sido de 21 pontos e agora é de 29 pontos e o resultado mais alto tinham sido de 31 pontos e agora é de 32 pontos, pela maior parte das crianças. Ainda na análise do gráfico, podemos verificar que uma criança obteve a classificação de 29 pontos (H), quatro crianças obtiveram 31 pontos (D, G, J e K) e sete crianças obtiveram a classificação máxima de 32 pontos (A, B, C, E, F, I e L).

Mais uma vez nenhuma das crianças se encontra no patamar negativo (pontuação <16 pontos) e a maior parte conseguiu alcançar o pretendido: a pontuação máxima (32 pontos), ou seja, doze crianças ≥ 16 pontos (A, B, C, D, E, F, G, H, I, J, K e L).

Os resultados variam então dos 29 aos 32 pontos e as crianças tinham idades compreendidas dos 3 anos e 6 meses e os 4 anos e 3 meses. Os resultados e respostas de cada subteste encontra-se em apêndice (Apêndice 11 – Resultados da 3ª aplicação dos subtestes de nomeação).

Podemos verificar que da 2ª para a 3ª aplicação dos subtestes de nomeação apenas uma criança (K) manteve os seus resultados e as restantes (A, B, C, D, E, F, G, H, I, J e L) aumentaram a sua pontuação.

3.9. Comparação dos resultados dos subtestes de definição verbal

Como nos demonstra o gráfico III.9, é notória a evolução por parte das crianças, apesar de algumas terem baixado na 2ª aplicação do subteste. Devemos referir que as classificações dos subtestes de definição verbal não são sempre as mesmas, pois estas dependem das respostas dadas pelas crianças, que variam muito consoante a altura da sua vida em que foram feitas, consoante a disponibilidade por elas prestada e consoante as distrações que têm (ou não) à sua volta.

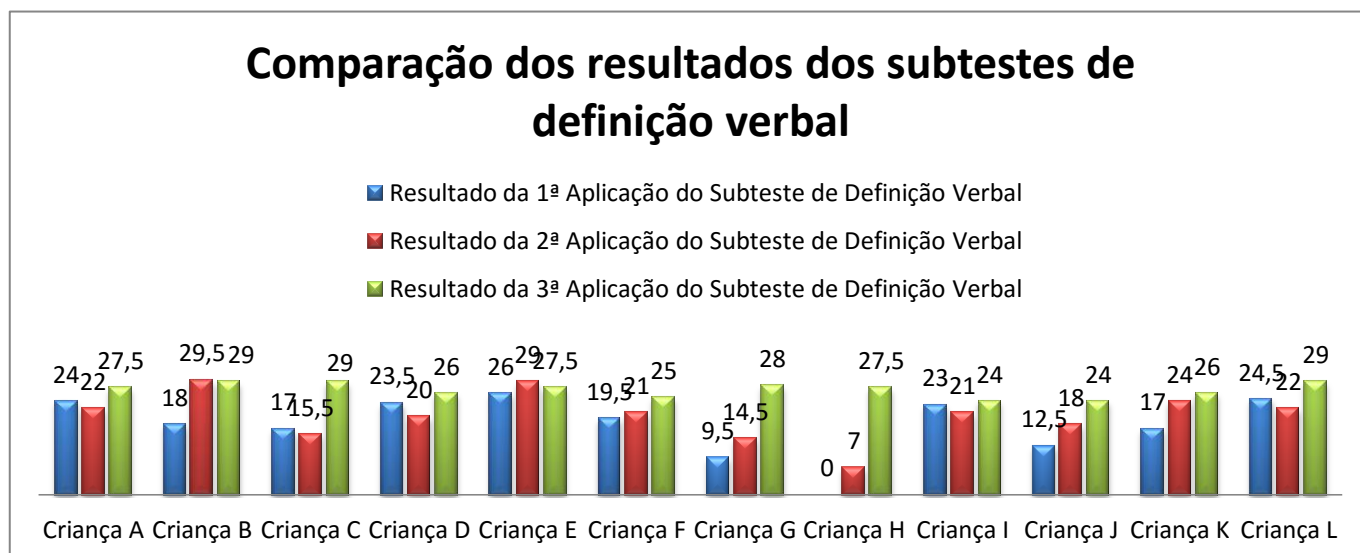


Gráfico III.8 – Comparação dos resultados dos subtestes de definição verbal.

No geral, todas as crianças demonstraram evolução nos resultados obtidos, mas os mais significativos foram os revelados pelas crianças G, H e J. Por exemplo, a criança H passou de 0 pontos na 1ª aplicação para 26,5 pontos na 3ª aplicação. Esta criança nas duas primeiras aplicações não respondia a todas as perguntas ou simplesmente dava respostas erradas, enquanto na última aplicação deu resposta a todas as perguntas e em nenhuma delas teve classificação 0.

Esta criança, além de muito inibida em relação à fala, distraía-se muito facilmente com as pequenas situações. Para esta criança começar a obter resultados as perguntas tiveram que ser colocadas de formas diferentes, por exemplo: no subtteste de nomeação, em vez de se dizer «Diz-me o que é...» teve que ser perguntado características das diferentes coisas, para que a criança compreendesse o que era pretendido dela naquele momento.

A tabela III.2 demonstra a evolução de cada criança individualmente, nos resultados dos subttestes de definição verbal.

	% 1ª aplicação	2ª-1ª=	% 2ª aplicação	3ª-2ª=	% 3ª aplicação
Criança A	75%	-6,25%	68,75%	17,19%	85,94%
Criança B	56,25%	35,94%	92,19%	-1,56%	90,63%
Criança C	53,13%	-4,69%	48,44%	42,19%	90,63%
Criança D	73,44%	-10,94%	62,5%	18,75%	81,25%
Criança E	81,25%	9,38%	90,63%	-4,69%	85,94%
Criança F	60,94%	4,69%	65,63%	12,5%	78,13%
Criança G	29,69%	15,62%	45,31%	42,19%	87,5%
Criança H	0%	21,88%	21,88%	64,06%	85,94%
Criança I	71,88%	-6,25%	65,63%	9,37%	75%
Criança J	39,06%	17,19%	56,25%	18,75%	75%
Criança K	53,13%	21,87%	75%	6,25%	81,25%
Criança L	76,56%	-7,81%	68,75%	21,88%	90,63%

Tabela III.2 – Evolução em percentagem por parte das crianças nos subttestes de definição verbal.

Os 32 pontos – classificação máxima que cada criança pode obter no subtteste de definição verbal - é o correspondente a 100%. A partir dessa percentagem foram feitas as percentagens de cada criança em cada aplicação, para verificar se aconteceu ou não uma evolução por cada criança individualmente. A fórmula utilizada, aplicando a regra de três simples, foi a seguinte:

Pontuação da 1ª aplicação do subteste de definição verbal – x%

Assim podemos verificar que sete crianças (A, B, C, D, E, I e L) apresentam descidas nas percentagens de uma aplicação para a outra, ou seja, nem sempre obtiveram uma evolução. Já as restantes crianças (F, G, H, J e K) conseguiram obter uma evolução a cada aplicação.

3.10. Comparação dos resultados dos subtestes de nomeação

Analisando o gráfico III.10, podemos verificar que todas as crianças na 3ª aplicação conseguiram resultados ≥ 29 pontos. A dificuldade das crianças que não obtiveram o resultado máximo (32 pontos) na 3ª aplicação foi identificar um rio como tal e não só como água, obtendo um resultado de 31 pontos.

Todas as crianças revelaram uma evolução nos seus subtestes e a mais significativa volta a ser a evolução da criança H, que passou de 14 pontos na 1ª aplicação para 29 pontos na 3ª.

Analisando particularmente o caso da criança H, verificou-se uma evolução também graças aos estímulos que lhe foram proporcionados, pois esta criança que se distraía muito facilmente com qualquer situação e tinha de ser estimulada de outra maneira, as coisas tinham de ser mais apelativas e tinha que se demonstrar um entusiasmo ainda maior quando a criança conseguia o que era pretendido.

Também se verificou, durante os subtestes de nomeação, que se insistíssemos um pouco mais nas perguntas ou na maneira como apontávamos para as imagens, a criança conseguia realizar a tarefa com mais êxito e facilidade. Em vez de nos limitarmos a apontar para as imagens íamos colocando questões pelo meio, ao contrário do que foi feito com as restantes crianças. Perguntávamos, por exemplo: «Tens a certeza de que é isso?». Se a criança dissesse que sim prosseguíamos com o subteste, se a criança dissesse que não colocava-se outra questão: «Então o que é isto?». Fazíamos este tipo de questões sem que se proporcionasse algum tipo de ajuda para com as respostas certas, para que não se influenciasse a criança. Também o fazíamos por sabermos que a criança sabia os verdadeiros nomes dos animais, por exemplo.

Comparação dos resultados dos subtestes de nomeação

■ Resultado da 1ª Aplicação do Subteste de Nomeação ■ Resultado da 2ª Aplicação do Subteste de Nomeação
■ Resultado da 3ª Aplicação do Subteste de Nomeação

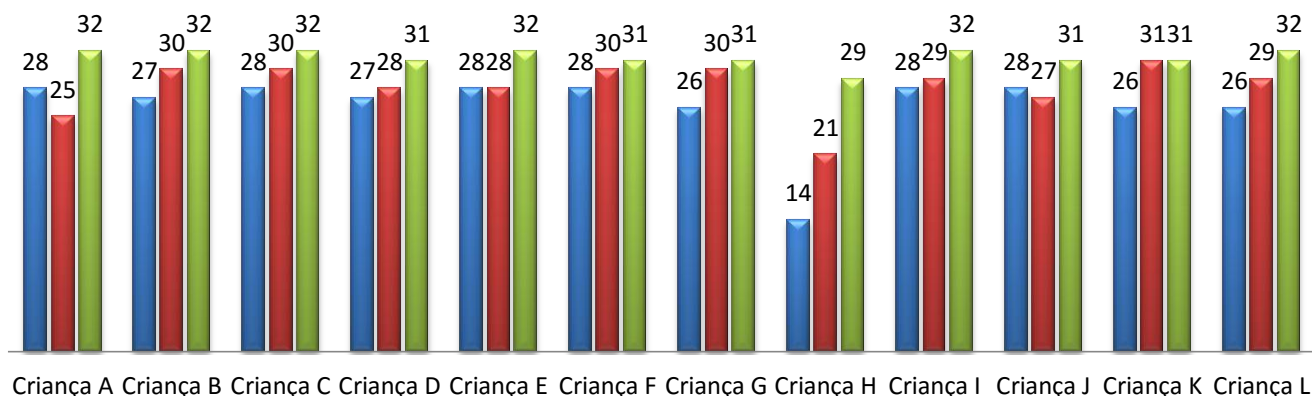


Gráfico III.9 - Comparação dos resultados dos subtestes de nomeação.

A tabela III.3 demonstra a evolução de cada criança individualmente, nos resultados dos subtestes de nomeação.

	% 1ª aplicação	2ª-1ª =	% 2ª aplicação	3ª-2ª =	% 3ª aplicação
Criança A	87,5%	-9,37%	78,13%	21,87%	100%
Criança B	84,38%	9,37%	93,75%	6,25%	100%
Criança C	87,5%	6,25%	93,75%	6,25%	100%
Criança D	84,38%	3,12%	87,5%	9,38%	96,88%
Criança E	87,5%	0%	87,5%	12,5%	100%
Criança F	87,5%	6,25%	93,75%	3,13%	96,88%
Criança G	81,25%	12,5%	93,75%	3,13%	96,88%
Criança H	43,75%	21,88%	65,63%	25%	90,63%
Criança I	87,5%	3,13%	90,63%	9,37%	100%
Criança J	87,5%	-3,12%	84,38%	12,5%	96,88%
Criança K	83,87%	16,13%	100%	0%	100%
Criança L	81,25%	15,63%	96,88%	0%	96,88%

Tabela III.3 – Evolução em percentagem por parte das crianças nos subtestes de nomeação.

Os 32 pontos – classificação máxima que cada criança pode obter no subteste de nomeação - é o correspondente a 100%. A partir dessa percentagem foram feitas as outras, para verificar se aconteceu ou não uma evolução por cada criança individualmente. A fórmula utilizada, aplicando a regra de três simples, foi a seguinte:

$$32 - 100\%$$

Pontuação da 1ª aplicação do subteste de nomeação – x%

Assim podemos verificar que duas crianças (A e J) apresentam descidas nas percentagens de uma aplicação para a outra, ou seja, nem sempre obtiveram uma evolução. Já as restantes crianças (B, C, D, E, F, G, H, I, K e L) tiveram sempre uma evolução.

3.11. Análise global

Podemos começar por dizer que as crianças conseguiram evoluir nos resultados dos subtestes, da 1ª para a 3ª aplicação dos mesmos, graças às implementações do instrumento didático, que foram feitas entre aplicações dos subtestes. Apenas se notou uma baixa nos resultados da 1ª para a 2ª aplicação dos subtestes e isto pode dever-se ao facto de as crianças estarem cansadas, pois aproximava-se o final do ano letivo. Na 3ª aplicação as atividades que as crianças realizavam já eram mais ligeiras, por isso já estavam mais tranquilas.

Algumas crianças tiveram uma subida constante dos resultados, como por exemplo a criança B.

A criança B revelou uma subida constante desde a primeira aplicação até à terceira em ambos os subtestes. Apenas da terceira para a segunda aplicação do subteste de definição verbal é que se notou uma descida, mas foi apenas de 0,5 pontos, o que não é significativo e deve-se ao facto de cada aplicação dos subtestes de definição verbal ter a sua pontuação, ou seja, em cada aplicação as respostas da criança podem ser exatamente as mesmas, mas a pontuação poderá variar, consoante as respostas de todas as outras crianças.

Assim na 1ª, 2ª e 3ª aplicação dos subtestes de definição verbal a criança obteve as pontuações de 18, 29,5 e 29 pontos, respetivamente. Verificou-se uma evolução por parte da criança desde que a primeira implementação do instrumento didático foi feita, que foi depois da primeira aplicação dos subtestes e antes da segunda aplicação dos subtestes.

Na 1ª, 2ª e 3ª aplicação dos subtestes de nomeação a criança obteve 27, 30 e 32 pontos, respetivamente. Verifica-se uma subida também nestes subtestes.

A criança B, não teve quaisquer dificuldades durante a primeira implementação em associar as palavras às imagens. Na segunda implementação a criança obteve bons resultados, tendo doze respostas certas e apenas quatro erradas.

Outras crianças desceram os seus resultados da 1ª para a 2ª aplicação do subteste de definição verbal, como foi o caso da criança D, por exemplo.

A criança D, tal como outras crianças, teve uma descida de pontuação da primeira para a segunda aplicação do subteste de definição verbal, sendo que na primeira obteve 23,5 pontos e na segunda obteve 20 pontos. Em seguida, na terceira aplicação, a criança subiu razoavelmente a sua pontuação, obtendo 26 pontos, o que além de ser mais do que a aplicação anterior é mais do que a criança obteve na primeira.

Nos subtestes de nomeação a criança teve uma evolução, passando de 27 para 28 pontos e de 28 para 31 pontos.

A criança na primeira implementação do instrumento didático teve dificuldade em associar os animais às cores, porém assim que percebeu como é que se realizava a atividade conseguiu ultrapassar a dificuldade.

Esta criança foi a que obteve melhores resultados na segunda implementação do instrumento didático, sendo que obteve quinze respostas certas e apenas uma errada.

Algumas crianças tiveram subidas significativas de pontuações, graças aos objetivos que delineámos, que foi o caso das crianças G e H, por exemplo.

A criança G foi uma das crianças que mais evoluiu em termos de pontuação nos subtestes de definição verbal, passando de uma pontuação de 9,5 pontos, o que é uma pontuação baixa, para 14,5 pontos, também uma pontuação baixa, para 28 pontos, o que é uma pontuação alta. Aliás, foi uma das pontuações mais altas da terceira aplicação do subteste de definição verbal. Nos subtestes de nomeação também se notou uma evolução, sendo que passou de 26 pontos na primeira aplicação, para 30 na segunda e para 31 pontos na terceira.

Na primeira implementação do instrumento didático, a criança compreendeu o que era pretendido, porém confundiu a palavra «girafa» com a palavra «leão», por terem cores bastante semelhantes. Na segunda implementação notou-se que a criança percebeu realmente o que era pretendido, mostrando um dos melhores resultados. A criança acertou em treze e errou em três respostas.

Esta criança evoluiu bastante não só em termos de pontuação, mas também em termos de vocabulário. A criança tem pais ucranianos e no seu ambiente familiar, segundo apurámos, apenas se fala ucraniano, logo o seu vocabulário em português não é muito vasto, mas ao longo dos subtestes notou-se que as respostas iam ficando mais completas e mais corretas.

A criança H também evoluiu bastante. Nas aplicações do subteste de definição verbal começou com uma pontuação nula, em seguida, na segunda passou para 7 e na última passou para 27,5 pontos, o que é uma ótima evolução. Já nos subtestes de nomeação a criança evoluiu de 14 para 21 e para 29 pontos no último subteste.

Na primeira implementação do instrumento didático a criança H fez o mesmo que a criança G, embora tenha tido mais dificuldade em compreender o pretendido. Na segunda implementação a criança obteve uma boa prestação, conseguiu acertar em onze e errou apenas cinco.

Uma criança (criança L) obteve o pior resultado de entre as doze na segunda implementação da atividade, porém, obteve bons resultados nos subtestes.

A criança L iniciou-se nos subtestes de definição verbal com 24,5 pontos, porém desceu na segunda para 22 pontos, mas depressa recuperou e na terceira passou para 29 pontos, o que foi uma das pontuações mais altas. Nos subtestes de nomeação a criança obteve 26 na primeira aplicação, 29 na segunda e 32 pontos na terceira.

A primeira implementação do instrumento foi bem conseguida. Já a segunda implementação nem tanto: a criança L foi a criança com piores resultados nesta implementação, tendo acertado apenas 8 e errado outras 8.

Consideramos que a evolução nos resultados ou não nos subtestes poderá não estar diretamente relacionada com a implementação do instrumento didático, pois a criança continuou a evoluir na 3ª aplicação, porém na segunda implementação da atividade não teve bons resultados.

Podemos verificar então que com as implementações do instrumento didático a pontuação dos subtestes da maioria das crianças subiu, ou seja, poderemos afirmar que a resposta à nossa questão de estudo «Será que através da utilização de um instrumento didático específico poderemos contribuir para o desenvolvimento da consciência fonológica nas crianças de 3 e 4 anos?» é sim.

Através da implementação do instrumento didático conseguimos contribuir para o desenvolvimento da consciência fonológica do grupo, pois conseguimos verificar uma evolução nos resultados dos subtestes, que serviram para analisarmos se realmente estávamos a contribuir ou não para que a consciência fonológica das crianças fosse desenvolvida.

Este instrumento não serviu apenas para que as crianças aprendessem sobre a associação das palavras às imagens/quadrados de feltro e sobre a divisão silábica, mas também se afigurou como uma forma lúdica de «facilitar a emergência da linguagem escrita» (ME, 2007, p. 65).

Conclusões

Este estudo pretendeu conhecer o nível de consciência fonológica das crianças com base em subtestes que foram adaptados de Sim-Sim (2006), estimular o desenvolvimento da consciência fonológica das crianças através da utilização de um instrumento didático e avaliar o desenvolvimento da consciência fonológica das crianças após a utilização de um instrumento didático específico. Estes objetivos surgiram como forma de resposta às questões: «Qual o nível de consciência fonológica das crianças em estudo, testado através da aplicação de subtestes (adaptados de Sim-Sim, 2006)?» e «Será que através da utilização de um instrumento didático específico poderemos contribuir para o desenvolvimento da consciência fonológica nas crianças de 3 e 4 anos?».

Em suma, foi construído um instrumento didático específico que serviu para estimular o desenvolvimento da consciência fonológica das crianças e verificar se isso aconteceu ou não, utilizando subtestes (definição verbal e nomeação) para verificar, primeiro o seu nível de desenvolvimento da consciência fonológica e, posteriormente a sua (in)evolução.

O instrumento didático tinha por base a história *Elmer e o Arco-íris*, selecionada por gostarmos dela, bem como da coleção onde estava inserida. Os subtestes foram adaptados ao instrumento, ou seja, os elementos que lá eram questionados faziam parte da história. Nas implementações do instrumento eram 16 itens para questionar, sendo que 9 eram animais e 7 eram cores.

O subteste de definição verbal pretendia que as crianças dessem um significado específico a cada palavra, ou seja, que fossem capazes de responder à pergunta «Diz-me o que é...» e tinha cotações que variavam dos 0 aos 2 pontos, sendo que eram 16 itens para questionar.

O subteste de nomeação pretendia que as crianças denominassem imagens que eram mostradas, respondendo à pergunta «O que é isto?». As cotações também variavam entre os 0 e os 2 pontos, sendo que eram também 16 itens para questionar.

Verificou-se, pelos resultados que as crianças obtiveram, que o instrumento didático realmente ajudou na evolução da consciência fonológica.

Com os resultados obtidos percebemos que cumprimos todos os objetivos estipulados no início da investigação e que demos uma resposta afirmativa às nossas questões de estudo.

Este relatório demonstra todo o processo de evolução por parte das crianças e explicita a importância de estimular o desenvolvimento da consciência fonológica das crianças, pois esta vai ser fundamental no seu futuro, designadamente no que à aprendizagem da escrita e da leitura diz respeito.

Limitações e sugestões para um trabalho futuro

É importante que a consciência fonológica seja explorada de forma a ajudar as crianças para o seu futuro, pessoal e escolar. As crianças que são estimuladas no jardim de infância vão melhor preparadas para o 1º CEB, para iniciarem a aprendizagem da leitura e da escrita.

Este estudo só permitiu que chegássemos a dois dos seis subtestes realizados por Sim-Sim (2006). Se continuássemos a aumentar o grau de dificuldade das atividades, teríamos que aumentar o grau de dificuldade dos subtestes, tendo assim que recorrer aos subtestes que nos faltavam fazer.

Como forma de dar continuidade ao estudo por nós iniciado, poderíamos acompanhar este grupo de crianças e ver a sua evolução ao longo dos anos. Por exemplo, num ano letivo aplicávamos os dois primeiros subtestes e nos seguintes íamos aplicando os restantes e verificando a evolução das crianças.

Foi limitante em termos de tempo, pois gostaria de ter continuado a investigação para ver até onde as crianças conseguiriam alcançar o desenvolvimento da sua consciência fonológica.

Contributos do estudo em termos pessoais e profissionais

Esta investigação contribuiu para que eu crescesse enquanto pessoa, mas também enquanto futura educadora. Fez-me perceber que tenho o dever de desenvolver todas as capacidades das crianças ao máximo possível e não me ficar apenas pelo essencial, fazendo-o de forma lúdica e através da apresentação de propostas desafiadoras e significativas para as crianças.

É necessário valorizar as necessidades das crianças como um grupo mas também individualmente, pois cada criança é diferente da outra e apresenta diferentes necessidades e dificuldades. Devemos tentar que todas as crianças estejam no mesmo nível de desenvolvimento, para que nenhuma fique “para trás” e para que nenhuma se sinta excluída. Se não o conseguirmos, devemos arranjar maneiras para o fazer, sem diferenciar uma criança da outra.

Referências Bibliográficas

- Alves Martins, M., & Niza, I. (1998). *Psicologia da aprendizagem da Linguagem escrita*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Augusto, A. (2014). *Metodologias quantitativas/metodologias qualitativas: mais do que uma questão de preferência*. Forum Sociológico, p. 73-77.
- Bogdan, R. & Biklen, S. (1994). *Investigação qualitativa em Educação*. Porto: Porto Editora, 47-51.
- Chard, D. J. & Dickson, S. V. (1999). *Consciência Fonológica: Linhas mestras para ensino e para avaliação*. Acedido a 14 de janeiro de 2015 em: http://www.ldonline.org/ld_indepth/reading/chard_phono_awareness.html
- Coutinho, S., Vale, A. P. & Bertelli, R. (2003). *Efeitos de transferência de um programa de desenvolvimento de consciência fonológica no jardim-de-infância*. Gulbenkian: Casa da Leitura.
- Ferraz, I. P. R. (2011). *Consciência Fonológica – Uma competência linguística fundamental na transição do Pré-Escolar para o 1º Ciclo do Ensino Básico*. Universidade da Madeira: Dissertação de Mestrado não publicada.
- Franciscato, C. E. (2005). *Considerações metodológicas sobre a pesquisa aplicada em jornalismo*. Acedido a 15 de agosto de 2015 em: http://sbpjour.kamotini.kinghost.net/sbpjour/admjor/arquivos/coord2_carlos_franciscato.pdf
- Freitas, M. J., Alves, D. & Costa, T. (2007). *O Conhecimento da Língua: Desenvolver a consciência fonológica*. Lisboa: Ministério da Educação.
- Horta, M. H. (2007). *A abordagem à escrita na educação pré-escolar: que realidade?* Penafiel: Editorial Novembro.
- Horta, M. H. (2010). *A Linguagem Escrita no Processo de Transição entre a Educação Pré-Escolar e o 1º Ciclo do Ensino Básico- Representações de Educadores e Professores*. Universidade de Huelva: Dissertação de mestrado não publicada.
- Horta, M. H. (2015). *A abordagem à linguagem escrita na etapa final da educação pré-escolar: estudo de casos múltiplos na região do sotavento algarvio*. Universidade de Huelva: Tese de Doutoramento não publicada.
- Lima, R. (2009). *Avaliação fonológica infantil*. Centro de Estudos da Criança da Universidade do Minho: Almedina.
- Lima, R. M., & Bessa, M. F. (2007). *Desenvolvimento da linguagem na criança dos 0-3 anos de idade: uma revisão*. Braga: Revista Sonhar.
- Ministério da Educação (2007). *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar* (2.^a Ed.). Lisboa: Editorial do Ministério da Educação/Departamento da Educação Básica.
- Ministério da Educação e Ciência (2010). *Metas de aprendizagem*. Consultado a 5 de julho de 2014 em: www.dgicd.min-edu.pt
- Papalia, D. E. & Olds, S. W. (2000). *Desenvolvimento Humano*. Porto Alegre: Artes Médicas Sul.

- Priberam Dicionário. *Fonema*. Acedido a 21 de setembro de 2015 em: www.priberam.pt/dlpo/fonema
- Prudêncio, C. & Centro de Formação Educacional Permanente. (1978). *Linguagem oral e ortografia*. Lisboa: Instituto Nacional de Investigação Científica.
- Rebelo, A. C. & Vital, A. P. (2006). *Desenvolvimento da linguagem e sinais de alerta: construção e validação de um folheto informativo*. Lisboa: Revista da ESSA.
- Rodrigues, W. C. (2007). *Metodologia Científica*. Paracambi: FAETEC/IST. Acedido a 15 de agosto de 2015 em: http://pesquisaeducacaoufrgs.pbworks.com/w/file/64878127/Willian%20Costa%20Rodrigues_metodologia_cientifica.pdf
- Rombert, J. (2013). *O gato comeu-te a língua? Estratégias, técnicas e conselhos para pais e educadores ajudarem as crianças no desenvolvimento da fala, da linguagem, da leitura e da escrita*. Lisboa: A Esfera dos Livros.
- Santos, L. F. (2011). *Consciência fonológica e aquisição da língua escrita: conhecimentos linguísticos na prática*. Porto Alegre: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – Faculdade de Letras.
- Santos, P. A. O. (2015). *O treino da consciência intrassilábica para a melhoria da ortografia: estudo centrado nos ataques ramificados*. Lisboa: Instituto Superior de Educação e Ciências – Escola de Educação.
- Sim-Sim, I. (1998). *Desenvolvimento da linguagem*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Sim-Sim (2006). *Avaliação da linguagem oral: Um contributo para o conhecimento do desenvolvimento linguístico das crianças portuguesas*. Fundação Calouste Gulbenkian.
- Sim-Sim, I., Silva, A. C. & Nunes, C. (2008). *Linguagem e Comunicação no Jardim-de-Infância: Textos de Apoio para Educadores de Infância*. Lisboa: Ministério da Educação.
- Viana, F. L. P. (2002). *Da linguagem oral à leitura – Construção e validação do Teste de Identificação de competências linguísticas*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian – Fundação para a Ciência e a Tecnologia.

Apêndices e Anexos em CD-ROM